



SOMNIUM

Nº 107 - Dezembro de 2013

A. Z. CORDENONSI

B. B. JENITEZ

ALEXANDRE SANTOS LOBÃO

ADRIANNA ALBERTI

RONALD RAHAL

HOMENAGEM

ONCE UPON A TIME...

TARJA EDITORIAL



SOMNIUM

EDITORIAL

Imaginem vocês um fã de ficção científica desde... (sempre!), ainda iniciante na arte de escrever, sendo convocado para assumir a responsabilidade de editar uma publicação oficial do CLFC. Apesar da tensão diante da importância do encargo, minha primeira reação foi abrir um belo “sorriso Phlox”, tamanho o meu contentamento. Espero corresponder às expectativas.

Mas, sem delongas. Vamos ao que interessa.

Esta edição da Somnium começa com uma entrevista concedida por Richard Diegues (um dos editores da Tarja Editorial) ao nosso presidente Clinton Davisson. Não deixem de conferir, pois assuntos de grande relevância são abordados.

Na sequência, temos cinco contos, os quais não se limitam à ficção científica, abrangendo o universo fantástico em geral.

O primeiro deles é Lenda Urbana, de autoria de A.Z. Cordenonsi. Trata-se de um mistério que se inicia e vai ganhando corpo a partir de diálogos mantidos em redes sociais. Tais conversas informais constituem os focos narrativos deste trabalho e se desenrolam ao mesmo tempo em



que a história “se constrói”. Moderno, interessante e muito criativo.

A seguir, temos Projeto Mulah de Tróia XXVIII, um trabalho de Osame Kinouchi. Nele, o protagonista – um famoso escritor – nos apresenta um cenário no qual várias realidades são possíveis, todas dentro do Multiverso de Hugh Everett III. Seu objetivo é encontrar uma trilha temporal na qual a harmonia familiar prevaleça, ainda que isto implique tornar-se um escritor fracassado. Uma trama tecida com muita sagacidade.

O conto seguinte, O Paradoxo de Eu Mesmo, de Alexandre Santos Lobão, mostra um cientista palestrando sobre uma importante descoberta. O texto passeia por diversos conceitos, mostrando habilidade literária e conhecimento científico do autor, até chegar à *teoria de compensação de limites*, criada pelo protagonista, e cujas implicações podem ser impressionantes. Que o digam seus pares presentes na palestra!

Num Potinho Sem Fundo, de autoria de Adrianna Alberti, traz mais uma dose de suspense e romantismo para esta edição. A história começa quando uma idosa e sua neta se deparam com um velho armário e nele encontram um pote minúsculo, mas que tem o poder de abrigar e trazer à tona fortes recordações. Um conto sobre magia, amor e sedução, que instiga a curiosidade do leitor.

O derradeiro conto foi escrito por Ronald Rahal e tem o título Espírito Natalino. O texto nos remete a duas agradáveis lembranças: as histórias de robôs de Asimov e a atmosfera harmoniosa dos finais de ano. Nele, a curiosa unidade Alfa-Série B700 Kar-100 busca encontrar respostas no obsoleto Lor-337, porém poderá encontrar algo mais importante. Uma mensagem atemporal, com ares futuristas.

Agora, as resenhas.

Sid Castro apresenta sua resenha de *O Alienado*, primeiro livro solo do escritor Cirilo S. Lemos (editora Draco). Já Washington Silva nos traz um parecer sobre *Metanfetaedro*, coletânea de contos fantásticos da escritora e artista visual Alliah (Tarja Editorial). Em seguida, Ricardo França conta suas impressões acerca da obra *Reis de Todos Os Mundos Possíveis*, do designer gráfico, professor universitário e escritor Octavio Aragão (editora Draco). Fechando as resenhas, João Beraldo analisa cada um dos contos que compõem o livro *Paradigmas Definitivos* (Tarja Editorial).

Por falar em Tarja Editorial, encerramos a *Somnium* nº 107 com uma homenagem à inegável contribuição desta editora para a literatura fantástica brasileira. O texto é de Álvaro Domingues e foi originariamente publicado no Blog do Pai Nerd.

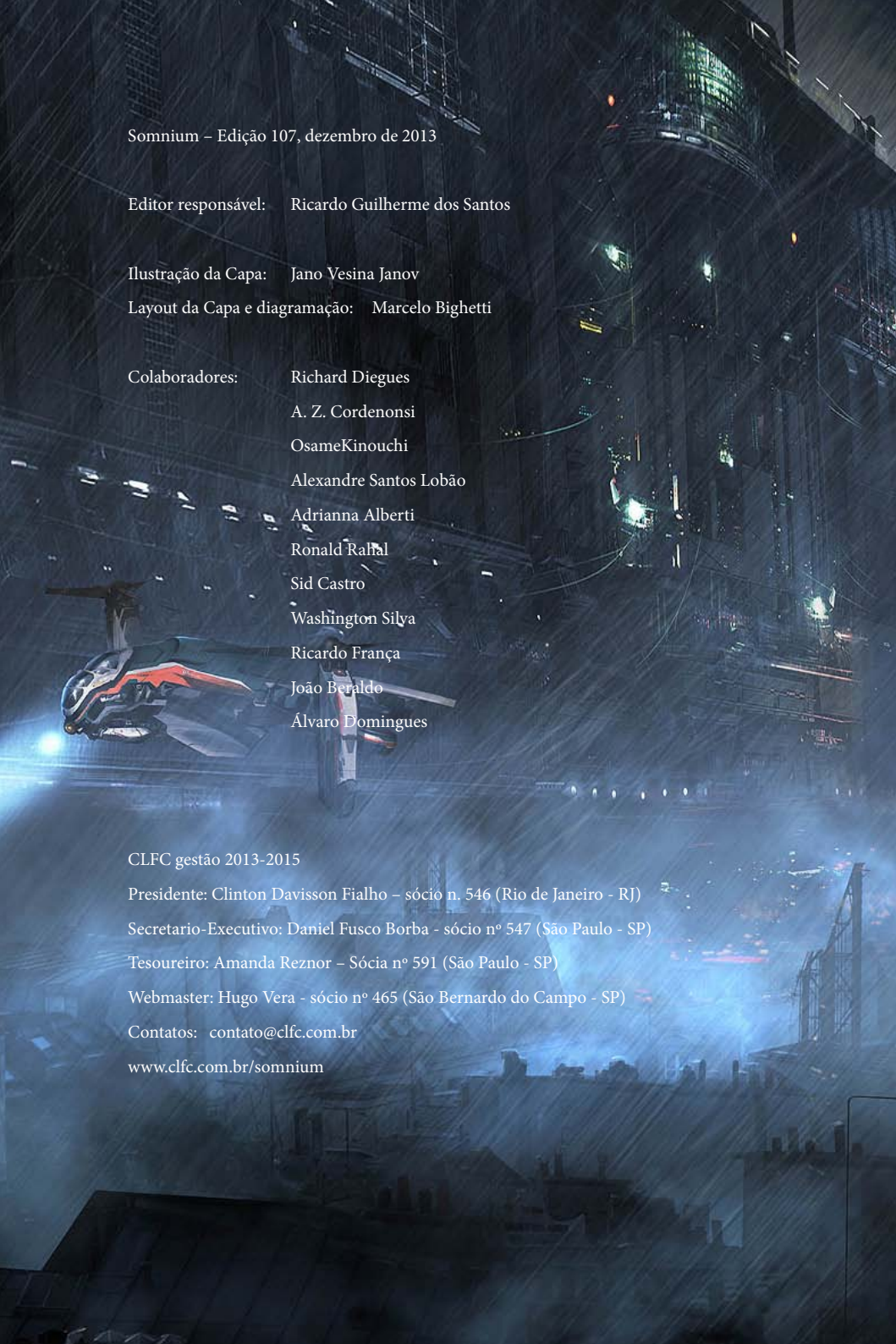
Bem, é isso. Creio ser este o momento adequado para asseverar que contribuições e sugestões para as próximas edições serão muito bem-vindas. Unidos, poderemos fazer com que a *Somnium* seja um instrumento cada vez mais eficaz na divulgação da literatura de ficção científica no Brasil.

Daniel Borba (que, aliás, já havia selecionado a maior parte do material aqui apresentado) e Clinton Davisson: grato pela confiança.

Até a próxima!

Ricardo Guilherme dos Santos
Editor





Somnium – Edição 107, dezembro de 2013

Editor responsável: Ricardo Guilherme dos Santos

Ilustração da Capa: Jano Vesina Janov

Layout da Capa e diagramação: Marcelo Bighetti

Colaboradores:

- Richard Diegues
- A. Z. Cordenonsi
- OsameKinouchi
- Alexandre Santos Lobão
- Adrianna Alberti
- Ronald Ralfal
- Sid Castro
- Washington Silva
- Ricardo França
- João Beraldo
- Álvaro Domingues

CLFC gestão 2013-2015

Presidente: Clinton Davisson Fialho – sócio n. 546 (Rio de Janeiro - RJ)

Secretario-Executivo: Daniel Fusco Borba - sócio nº 547 (São Paulo - SP)

Tesoureiro: Amanda Reznor – Sócia nº 591 (São Paulo - SP)

Webmaster: Hugo Vera - sócio nº 465 (São Bernardo do Campo - SP)

Contatos: contato@clfc.com.br

www.clfc.com.br/somnium

ÍNDICE

07 ENTREVISTA, com Richard Diegues

CONTOS

17 LENDA URBANA, por A. Z. Cordenonsi

39 PROJETO MULAH DE TRÓIA XXVIII, por B. B. Jenítez

45 O PARADOXO DE EU MESMO, por Alexandre Santos Lobão

55 NUM POTINHO SEM FUNDO, por Adrianna Alberti

63 ESPÍRITO NATALINO, por Ronald Rahal

RESENHAS

74 O ALIENADO, por Sid Castro

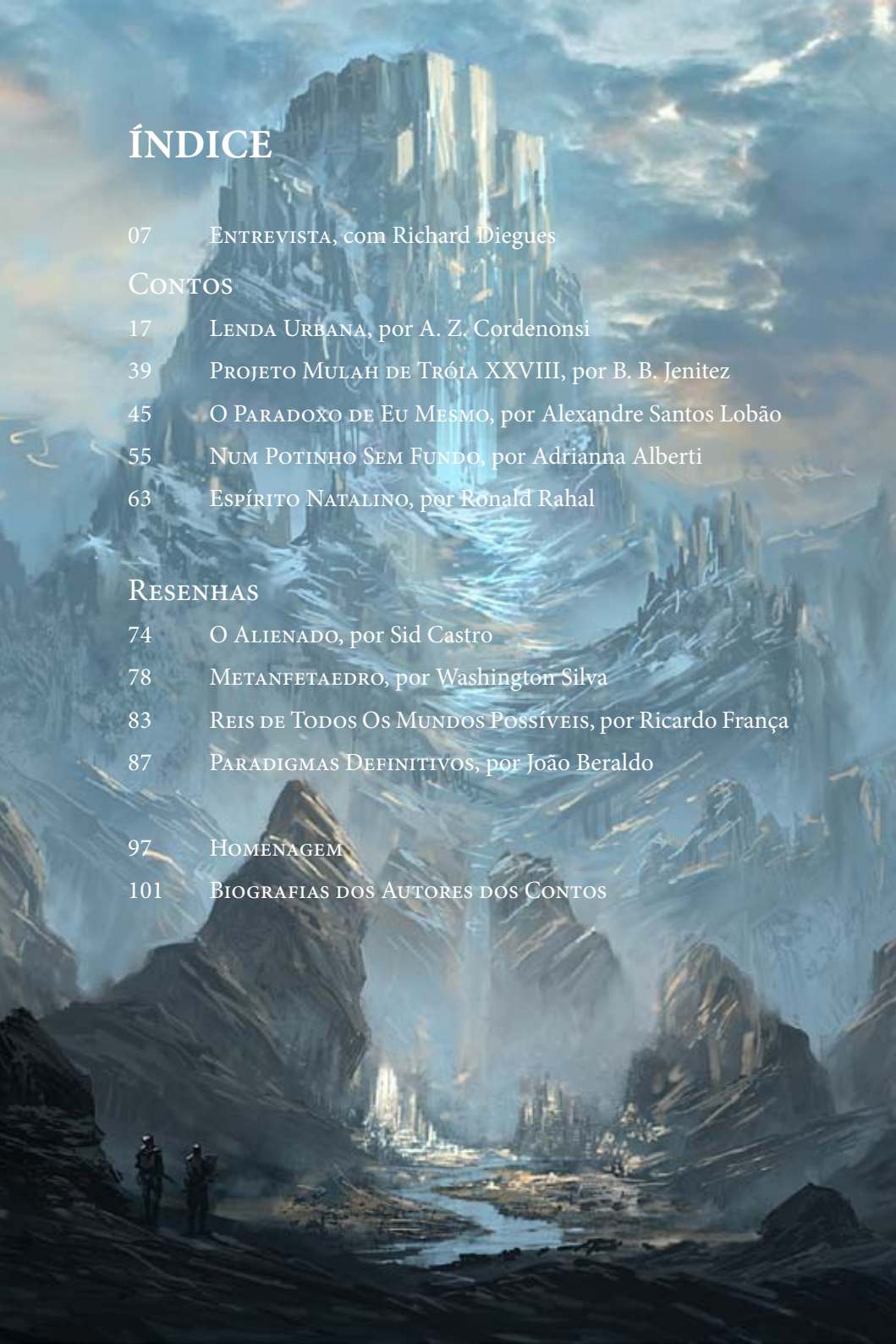
78 METANFETAEDRO, por Washington Silva

83 REIS DE TODOS OS MUNDOS POSSÍVEIS, por Ricardo França

87 PARADIGMAS DEFINITIVOS, por João Beraldo

97 HOMENAGEM

101 BIOGRAFIAS DOS AUTORES DOS CONTOS



ENTREVISTA



RICHARD DIEGUES

ENTREVISTA COM RICHARD DIEGUES

Editor fala sobre o fechamento da Tarja Editorial, que causou perplexidade entre autores e leitores de literatura fantástica.

por Clinton Davisson

No dia 1º de novembro, a Tarja Editorial surpreendeu leitores e escritores de literatura fantástica ao anunciar que estava fechando as portas depois de sete anos publicando autores nacionais e estrangeiros. Foi a primeira a publicar o controvertido China Miéville em português e lançou o aclamado *Fábulas do Tempo e da Eternidade* da jovem Cristina Lasaitis, que chegou a ser apontado por muitos como a melhor surpresa da ficção científica nacional em muitos anos. A Tarja também carimbou 2010 com o lançamento de *A Fantástica Literatura Queer*, a primeira coletânea brasileira de literatura fantástica voltada à temática da diversidade sexual.

Mesmo assim, a Tarja fechou as portas. O que houve? Falta de leitores?

Em uma conversa franca, o editor Richard Diegues nos mostra a sua versão dos fatos.

CD – Então, o que deu errado com a Tarja Editorial? Por que a editora fechou as portas realmente, e de forma tão abrupta?

RD – Clinton, quando a concepção da Tarja Editorial surgiu em minha cabeça, havia apenas uma meia dúzia de editoras no mercado publicando *Literatura Fantástica* como parte contínua do catálogo, e a Tarja foi criada justamente

para suprir esse nicho. O nome Tarja veio justamente por conta de querermos publicar textos que vinham sendo censurados, cortados pelas grandes editoras. Eu e meu sócio, Gianpaolo Celli, sempre fomos fascinados por esse tipo de literatura, mas efetivamente poucos títulos podiam ser encontrados no mercado, principalmente de autores nacionais. Tínhamos apenas a Record, Companhia das Letras, Aleph e Conrad publicando os [autores estrangeiros] consagrados, e a Novo Século (que, diga-se de passagem, nesse quesito agia mais como gráfica do que como editora) e a Devir publicando alguma coisinha de literatura nacional. Fora essas, tínhamos uma ou outra editora escondidinha, que tinha um ou outro livrinho em seu catálogo, e nenhuma, absolutamente nenhuma, que fosse 100% dedicada à literatura fantástica. Mesmo algumas grandes até publicavam um Stephen King, uma Anne Rice, ou um Neil Gaiman, mas poucas se arriscavam além dos blockbusters. Enfim, eu sentia carência de (boas) obras no mercado e resolvi que era algo que não adiantava ficar apenas reclamando; eu podia iniciar algo grande naquele momento e começar a colocar a roda para empurrar algumas engrenagens, devagarzinho, do jeito certo, como eu gostaria que meu trabalho fosse tratado. Tanto que, de imediato, passei a colocar meus livros a disposição da Tarja, e os trabalhava com o mesmo carinho que todas as obras da casa; afinal, se eu estava conduzindo uma editora, obviamente deveria confiar nela para expor e produzir as minhas obras também. Por que usar a cozinha do vizinho se meu fogão é bom, não é? E assim a Tarja surgiu: foi algo perto de um hobby, um grande desejo de ver algo sendo feito, e muito, mas muito prazer, em ver a literatura surgindo nas prateleiras por nossa causa. Lançamos praticamente tudo o que se vê de novo na literatura fantástica aqui no Brasil, tal como steampunk, pós-cyberpunk, retrofuturismo, queer-

fiction, etc... e tivemos os 50 autores mais representativos dessa geração passando por nossa casa, incluindo alguns internacionais. Fomos muito copiados (dou graças a isso nas boas cópias, e lamento pelas ruins), o que gerou uma boa leva de títulos dentro de gêneros que os leitores brasileiros apenas podiam ver no exterior, infelizmente em outras línguas. Fizemos muita bagunça, movimentamos muitos eventos, mostramos muitas caras novas, e particularmente, me diverti muito! Enfim, foi uma boa época, que durou alguns bons anos. Mas, de uns tempos para cá, começaram a surgir as microeditoras (a maior parte micrográficas, na realidade) que passaram a publicar todo e qualquer material, coisas de péssima qualidade, com autores medíocres, e com uma linha de trabalho questionável. E, com tanta coisa péssima no mercado, a situação começou a pesar... começamos a ver uma enxurrada de livros ruins aparecendo. A Tarja investia em leitura crítica e copidesque dos livros publicados. Quem já trabalhou conosco sabe o quanto somos chatos nesse aspecto, e como as obras levam tempo para ficarem “redondas” para publicação. Por isso, nossa qualidade sempre foi a melhor do mercado. Porém começamos a ver muitos livros que estávamos trabalhando e deixando “redondos” serem publicados de forma capenga por outras editoras, por simples pressa em desenvolver o ego do autor. Publicações que poderiam ser ótimas, tonando-se medíocres pela eternidade. Livros que poderiam ser publicados com boas capas e um trabalho gráfico mais interessante começaram a surgir impressos de qualquer maneira, com capas lamentáveis, muitas plagiadas de trabalhos famosos, ou com pobres colagens de imagens puxadas da internet. Coletâneas passaram a ser feitas sobre qualquer tipo de tema: súcubos cor-de-rosa que gostam de cereais, histórias que Poe tinha vergonha de contar para sua mãe, as lendas das 70 virgens narradas

em 100 palavras,... enfim, trabalhos no mínimo com motivações duvidosas quanto ao que acrescentavam ao universo da literatura fantástica além de uma ou duas gotas de ki suco no umbigo ególatra de alguns autores. O que começou a pesar para mim foi ver todo esse trabalho de má qualidade surgindo, e sendo elogiado por grupinhos de “amigos” como se fosse a “nova onda”. Ver lixo sendo colocado em pedestais como se fossem obras de arte, e sendo “curtidos” e “idolatrados” apenas por jogos de interesse do tipo “curte o meu que curto o teu”. E, a gota d’água para mim foi quando uma repórter veio me solicitar uma entrevista e citou a Tarja junto com uma leva de “editoras” que não respeitam o nosso meio literário. Ser colocado no mesmo balaio me fez repensar o atual sentido de todo o meu esforço. Fez-me rever meus conceitos e se realmente valia a pena lutar por algo que definitivamente estava em franca decadência. E, durante o último ano, eu vinha pensando nisso, analisando o mercado, e perdendo cada vez mais o tesão em publicar nesse mercado. Sempre fizemos tudo de coração, por gostar do que víamos, e curtimos o trabalho feito. Já não havia mais a diversão, que sempre foi a mola propulsora da Tarja. Bom, eis aí o motivo. Agora, quanto ao que deu errado, é mais simples, porém sem essa extensa narrativa, não faria tanto sentido assim: tomamos um calote mais pesado! Sim, isso mesmo, um livreiro nos aplicou um prejuízo pesado. Eu e meu sócio poderíamos sim ter injetado mais capital na empresa, e termos recomeçado toda a luta, como já fizemos várias e várias vezes nesses últimos 7 anos... mas a questão que levou a Tarja ao seu fechamento foi justamente a “ok, mas lutar para que, e por quem?”...

CD – E como ficarão os projetos em andamento, além dos autores já publicados pela Tarja, depois do fechamento da editora?

RD – Todos os projetos que estavam em andamento, e cujos autores tiveram interesse e nos solicitaram uma ajuda, foram repassados para outras editoras parceiras, nas quais confiamos e sabemos que farão um trabalho honesto e de respeito. Alguns nós apenas liberamos para os autores seguirem adiante, e apenas temos que torcer para que não caiam nas mãos de editoras de má qualidade, ou (pior ainda) de má índole. Gostaria muito de ver todos os projetos que tínhamos em andamento sendo publicados, mas confesso que se for para serem publicados com má qualidade, gostaria de pedir aos autores que nem mesmo citassem terem passado por nossa avaliação (risos). No que se refere aos autores, todos terão os contratos cancelados por motivo de força maior e automaticamente poderão contar com seus direitos de publicação com outras casas liberados. A Tarja sempre foi muito mais do que uma simples editora para seus autores. Antes de mais nada, sempre fui amigo pessoal de praticamente todos os romancistas, e conhecia e tinha bom relacionamento com praticamente todos os autores participantes de nossas coletâneas. Somos uma das editoras que agiam de forma honesta com os autores de contos: NUNCA proibimos que os contos publicados por nós fossem usados em outros trabalhos, com outras coletâneas (exceto se fossem cópias descaradas das nossas) pois quem tem os direitos autorais desses textos é o AUTOR,oras! Sempre usamos as coletâneas com o conceito de divulgar o trabalho dos autores, e seria quase um crime dizer isso e depois proibi-lo de usar seu texto em outras divulgações. No mínimo seria muita cara de pau, normalmente seria falta de ética. Portanto, os autores de contos já tinham seus direitos de publicação livres, e continua assim. Quanto aos romances, tínhamos contratos com os autores, e automaticamente com a dissolução da editora esses contratos ficam cancelados, e

seus trabalhos livres para publicação em outras casas. Espero que esses autores continuem trabalhando, e que mais do que tentar levar seus antigos livros para outras editoras, que produzam coisas novas e sigam divulgando sua arte. Temos autores com mais de uma obra publicada na casa, como é o meu caso (5 livros) do Alexandre Herédia (3 livros) e Roberto Pellanda (2 livros), que certamente deverão conseguir facilmente outras editoras para publicação. Tínhamos projetos em fase de finalização, de autores da casa, que liberamos para outras editoras como Jeff VanderMeer, China Miéville, João Barreiros, Pedro Vieira e alguns livros meus, e que sei que serão publicados em breve caso os autores consigam dar continuidade aos trabalhos já feitos, pois estavam em fases muito adiantadas por aqui. Enfim, a Tarja fechou, mas a estrada literária continua passando pelo mesmo trajeto para os que quiserem continuar trilhando esse caminho.

CD – O projeto de literatura “Cordel dos Sonhos” que você alavancou recentemente através do site Catarse.me vai ter continuidade? Ele teve alguma relação com a Tarja?

RD – Primeiramente preciso deixar uma coisa bem clara: o Projeto Cordel dos Sonhos não tem absolutamente nada relacionado com a Tarja Editorial. Ele foi desenvolvido e levado totalmente a cabo por mim, de forma particular e à parte da editora. Dito isso, vamos lá! Bem, vamos rememorar umas coisinhas que eu respondi na primeira pergunta, e automaticamente vou lhe explicar o porquê me dediquei a essa empreitada: nossa literatura fantástica atual está decadente no formato em que se encontra, os autores estão cada vez fazendo menos obras que realmente importem dentro do nosso cenário cultural, cada vez se publica mais do mesmo e com menos qualidade, os autores hoje não possuem mais motivação para produzir obras que façam a diferença. São fatos. Eu odeio fatos... Mas, vamos seguindo: eu não

quero, e nem preciso, escrever simplesmente para alimentar o meu ego, ou para ter uma obra publicada por uma editora para poder mostrar para os amigos tipo “agora sou escritor”, se fosse isso que eu quisesse, poderia simplesmente oferecer meus trabalhos para diversos editores, que constantemente me convidam para publicar com eles (depois que a Tarja fechou já recebi uns 10 ou 12 convites pra republicarem meus livros, rs). Parece engraçado editores procurando um ex-editor, mas na verdade procuram pelo escritor sem editora. E, mesmo enquanto editor, isso acontecia com uma boa frequência, pois sou amigo de muitos editores (o ramo é bem pequeno, para falar a verdade, e todos se comunicam) e TODAS as editoras procuram por autores com vários títulos publicados, que possuem uma constância de publicação na mesma editora, e principalmente que divulguem seus trabalhos. O que eu preciso não é de publicação, mas sim de leitores que realmente saibam o valor do que está sendo feito. Por isso criei esse projeto, onde estou doando (isso mesmo, é tudo inteiramente de graça) exemplares do livro Cordel dos Sonhos, de minha autoria, para crianças que estão sendo iniciadas no universo da leitura. Os “escritores” e “editores” reclamam muito que hoje temos poucos leitores, fato que eu concordo inteiramente, preciso deixar claro. Porém, eu me coloco em um patamar diferente dos “reclamõesmimizentos”, pois pelo menos não fico resmungando e chorando às pitangas, mas coloco a mão na massa para mudar essa situação. Por que eu parti para a literatura infanto-juvenil? Porque é ali que está a semente para criarmos os futuros leitores de qualidade. Quero pegar essas crianças e dar para elas a chance de entrarem, e tomarem gosto, pela leitura. Estou indo direto na formação de base, movendo a cadeia de leitores futuramente para um patamar mais amplo. Lembra que disse que não havia mais prazer em publicar livros nesse

mercado decadente? Pois é isso aí! Dá-me um imenso prazer publicar meus livros e dá-los para quem realmente vai fazer a diferença daqui a alguns anos. Achei uma fórmula de continuar escrevendo, publicando e divulgando a literatura fantástica, mas ao mesmo tempo sentindo prazer com isso. Cada leitor que eu gerar com esse projeto representará centenas de livros futuramente lidos. Centenas de leitores, é igual a milhares de livros... Se não posso continuar ajudando a literatura dando a mão para outros autores diretamente, apenas publicando seus livros e divulgando seu trabalho, creio que posso pelo menos ajudar gerando leitores para eles. E eles mesmos terão que se virar no futuro para criar obras que cativem essa geração que estou estimulando hoje. Outro ponto importante foi o fato de eu ter usado o crowdfunding para financiar esse projeto. Em menos de um mês eu preparei todo o projeto, montei, finalizei o livro, dei entrada no Catarse e coloquei a arrecadação no ar. Em mais 33 dias eu fiz a arrecadação e consegui o valor necessário para a impressão de 1.079 exemplares do livro, que em mais 15 dias já chegou em minhas mãos e começou a ser distribuído. Um processo que dependeu apenas de mim para coordenar e organizar, e que em praticamente 2 meses já começou a render grandes frutos. É claro que vou dar continuidade nisso. E digo mais: qualquer autor que queira fazer esse trabalho, deve entrar em contato comigo que vou auxiliar a seguir esse mesmo caminho. Quero ver a galera produzindo, se mobilizando, e mostrando que tem coragem de sair do comodismo e fazer algo pelo bem comum. Estou de saco cheio de ver pseudo-autor-craca-de-editora, que fica ali, colado e parado, sem se mexer pra nada, só fazendo peso pra coisa toda afundar. Vou fazer uma camiseta: “Quer se mexer de verdade? Pergunte-me como!”

CD – Se pudesse voltar oito anos no tempo, o que faria de

diferente em relação a Tarja editorial?

RD – Se eu pudesse voltar até a fundação da editora, teria mudado muitas coisas, mas basicamente seriam as mais valiosas que aprendi durante essa viagem: ajustaria as tiragens de alguns títulos para menor, outras para maior; negociaria com alguns livreiros e com outros não; ajustaria os valores de alguns títulos; apostaria em alguns autores e outros nem passariam perto da editora; compraria um anzol reforçado de cortar traíra; faria algumas parcerias, e jamais faria outras... E, a principal de todas essas coisas: confiaria muito menos em muitas pessoas, e muito mais em poucas!

Clinton, sei que a “entrevista” está muito mais extensa do que você poderia imaginar, ou até mesmo do que poderia desejar, mas não espero dar muita outras além dessa, ainda mais com um direcionamento mais estreito com o “fandom”, de tal forma que achei necessário pontuar diversos assuntos.

Abração,

Richard Diegues



LEND A URBANA

A. Z. Cordenonsi



LENDA URBANA

A. Z. Cordenonsi

07 de abril de 2012 – 02:00 AM

AlunoInsone@marcosterra

ué, achei que o educandário tava fechado.

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

@marcosterra e não tá?

AlunoInsone@marcosterra

@thiamat7 apareceu uma luz lá agora.

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

@marcosterra será que tão reformando?

AlunoInsone@marcosterra

@thiamat7 as 2 da matina? Tá doido?

CabecinhaNerd@luciarosa

@marcosterra @thiamat7 então vai lá e desliga a luz :p

AlunoInsone@marcosterra

@thiamat7 @luciarosa não enche, lucia.

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

@marcosterra @luciarosa kua kua kua

A Aparição de São Sebastião – pg. 287

“Esbaforida, a garota corria pelo corredor escuro e...”

08 de abril de 2012 – 01:34 AM

AlunoInsone@marcosterra

Opa, olha a luz de novo.

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

@marcosterra do educandário?

AlunoInsone@marcosterra

@thiamat7 yep!

CabecinhaNerd@luciarosa

@marcosterra @thiamat7 qualé a luz? eu passo toda manhã na frente dele...

AlunoInsone@marcosterra

@thiamat7 @luciarosa a que fica no último andar, bem

do lado esquerdo, na rua que dá para a sorveteria

BeijosMordidos@lumystink

@thiamat7 @luciarosa @marcosterra ei, eu também to vendo! ela tá piscando!

AlunoInsone@marcosterra

@lumystink @thiamat7 @luciarosa @marcosterra é mesmo... estranho...

A Aparição de São Sebastião – pg. 287

“Ela sentia o suor escorrendo pelas suas costas, mas o medo a impelia para a frente. O corredor escuro...”

09 de abril de 2012 – 02:15 AM

BeijosMordidos@lumystink

Olha a luz no eduncadario! Mira tá aqui e também está vendo!

LuzCeleste@altamirasantos

@lumystink oi linda! Sim, estou vendo, estou do seu lado, bobinha!

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

@lumystink @altamirasantos e está piscando, moças?

BeijosMordidos@lumystink

@thiamat7 Está, cabeçudo!

LuzCeleste@altamirasantos

@thiamat7 Parece um vagalume!

CabecinhaNerd@luciarosa

@lumystink @altamirasantos @thiamat7 dá pra ver alguém lá? O prédio tá abandonado! Todo rachado e tal...

BeijosMordidos@lumystink

@luciarosa @altamirasantos @thiamat7 não, pinky! Só a luz piscando de um jeito esquisito... ih, agora parou.

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

@luciarosa @altamirasantos @lumystink deve ser alguma mensagem para algum etê ou oveni

CabecinhaNerd@luciarosa

@thiamat7 é O.V.N.I, seu neandertal! Objeto Voador Não Identificado! Sete cabeças e nenhum cérebro...

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7
@luciarosa ah, vai lavar suas calcinhas, vai!

CabecinhaNerd@luciarosa
@thiamat7 grosso!

A Aparição de São Sebastião – pg. 287

“Ela sentia o suor escorrendo pelas suas costas, mas o medo a impelia para a frente. Esbaforida, ela seguiu pelo corredor escuro...”

10 de abril de 2012 – 01:57 AM

AlunoInsone@marcosterra
Ih, voltou a luz que pisca

BeijosMordidos@lumystink
Voltou! Voltou!

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7
@marcosterra @lumystink o #fantasmaeducandario
voltou?

AlunoInsone@marcosterra
@thiamat7 que diabo é isso de #fantasmaeducandario

dragão?

BeijosMordidos@lumystink

@thiamat7 eu gostei! #fantasmaeducandario

CabecinhaNerd@luciarosa

ideia idiota #fantasmaeducandario

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

o #fantasmaeducandario é idiota mas tu tá usando, né
lucinha?

CabecinhaNerd@luciarosa

@thiamat7 me esquece

BeijosMordidos@lumystink

Alguém mais tá vendo o #fantasmaeducandario ?

Aragorn Copiado@aragorn1023

@lumystink tu quer dizer a luz que pisca no prédio?

#fantasmaeducandario

BeijosMordidos@lumystink

Isso, @aragorn1023 #fantasmaeducandario

Aragorn Copiado@aragorn1023

Sim. Bem sinistro #fantasmaeducandario

O Fantasma do Educandário – pg. 287

“Ela sentia o suor escorrendo pelas suas costas, mas o medo a impelia para a frente. Esbaforida, ela seguiu pelo corredor escuro e estacou, pois parecia que estava ouvindo algo.”

11 de abril de 2012 – 02:17 AM

BeijosMordidos@lumystink

Alguém já viu hoje o #fantasmaeducandario?

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

Não #fantasmaeducandario

AlunoInsone@marcosterra

Não #fantasmaeducandario

BeijosMordidos@lumystink

Opa! Apareceu! #fantasmaeducandario

CabecinhaNerd@luciarosa

To vendo agora! To na casa da minha avó que fica bem pertinho. Tá piscando muito! #fantasmaeducandario

Carvalho Negro@darkoak

RT @lumystink Opa! Apareceu! #fantasmaeducandario

Verdes Mares@grace2211

RT @lumystink Opa! Apareceu! #fantasmaeducandario

Jair Mariano@jairmariano

RT @lumystink Opa! Apareceu! #fantasmaeducandario

Optimus Prime@optimustransformers

RT @lumystink Opa! Apareceu! #fantasmaeducandario

O Fantasma do Educandário – pg. 287

“Ela sentia o suor escorrendo pelas suas costas, mas o medo a impelia para a frente. Esbaforida, ela seguiu pelo corredor escuro e estacou, pois parecia que estava ouvindo algo. Era o choro inconsolável...”

12 de abril de 2012 – 01:49 AM

BeijosMordidos@lumystink

Apostas para o horário do #fantasmaeducandario?

Artur Sebastiano@asebastiano

01:53 RT @lumystink Apostas para o horário do #fantasmaeducandario?

Verdes Mares@grace2211

02:15 RT @lumystink Apostas para o horário do #fantasmaeducandario?

CabecinhaNerd@luciarosa

03:01 RT @lumystink Apostas para o horário do #fantasmaeducandario?

Heman Oficioso@hemaneocara

02:12 RT @lumystink Apostas para o horário do #fantasmaeducandario?

Lumy Stink

Toda a noite, a nossa cidade de São Sebastião é defrontada com uma estranha luz piscante no antigo educandário, aquele prédio abandonado no centro, sabem? Então, alguém

sabe o que isso significa?

Curtir . Comentar . Compartilhar . 12 de abril de 2012 às 02:33

Você, Jair Mariano, Lúcia Rosa e outras 29 pessoas curtiram isso.

Artur Sebastiano eu já vi. Estranho pra caray!

Patrícia Juvenal Santos eu não vi :(queria ver, buá!

Thaciana Noal alguém já foi lá?

Artur Sebastiano tu tá loca, Thaciana Noal? Vá saber que tão fazendo lá em cima...

Marcos Terra eu subiria...

Artur Sebastiano mas?

Marcos Terra eu sou cagão! :)

Artur Sebastiano ><

Guilherme Vasconcellos vou dormir na casa de um colega amanhã para ver! Vou levar a minha câmera!

14 de abril de 2012 - 21:20

Guilherme Vasconcellos

Fiz este vídeo ontem de madrugada do Fantasma do Educandário... Muito foda isso. Cara, a luz pisca, para, volta a piscar e não entra nem sai ninguém.

Curtir . Comentar . Compartilhar . 14 de abril de 2012 às 19:00

Você, Artur Sebastiano e Lumy Stink e outras 147 pessoas curtiram isso.

Guilherme Vasconcellos

Vídeo do fantasma do educandário de São Sebastião.
Alguém

ai mais viu o dito cujo?

BeijosMordidos@lumystink

21:20 Viram a filmagem do @guivasconcellos? #fantasmaeducandario

Artur Sebastiano@asebastiano

21:22 @lumystink onde?

Lumy Stink

E então? Alguma teoria sobre o Fantasma do Educandário?

Curtir . Comentar . Compartilhar . 14 de abril de 2012 às 22:01

Você, Jair Mariano, Lúcia Rosa e outras 29 pessoas curtiram isso.

Carlos Eduardo Alves falei com o meu pai que trabalha na secretaria de obras da cidade. Tem nada lá, não.

Lúcia Rosa a minha vó me falou sobre porque fecharam a escola. Disse que uma moça caiu no antigo poço do elevador de roupas.

Thiamat de 7 Cabeças o que diabos é um elevador de roupas?

Lúcia Rosaé um elevador, mas só leva roupas, né, bocó?!

Guilherme Vasconcellos E porque ela caiu?

Thiamat de 7 Cabeças Porque era idiota! Ha Ha Ha!

Lúcia Rosa Idiota foi tua mãe que não fez um aborto! Ninguém sabe porque ela morreu, Guilherme Vasconcellos. Minha avó disse que morava no internato na época e ouviram um grito apavorado. Parece que ela pulou no poço.

Guilherme Vasconcellos Caray!

Thiamat de 7 Cabeças Como eu disse, idiota...

O Fantasma do Educandário – pg. 287

“Ela sentia o suor escorrendo pelas suas costas, mas o medo a impelia para a frente. Ela ouvira as histórias antigas, é claro. Sobre o último ano do internato e a tragédia do poço do elevador. Esbaforida, ela seguiu pelo corredor escuro e estacou, pois parecia que estava ouvindo algo. Era o choro inconsolável...”

15 de abril de 2012 – 22:37

Alminha@conexaonoturna

@lumyStink o que é este #fantasmaeducandario ?

BeijosMordidos@lumystink

Oi @conexaonoturna Vocês são daquele programa de t v??!

Lumy Stink

Gente! Novidades maravilhosas! Vocês não vão acreditar. O pessoal da Conexão Noturna entrou em contato com a gente sobre o Fantasma do educandário. Eles estão pensando em fazer um documentário aqui em São Sebastião! Espalhem a notícia! Precisamos chegar nos trend topics!

Curtir . Comentar . Compartilhar . 15 de abril de 2012 às 23:11

Você, Guilherme Vasconcellos, Thiamat de 7 Cabeças e outras 1789 pessoas curtiram isso.

RT O #fantasmaeducandario no @conexaonoturna

Você e mais 7492 pessoas retuitaram isso.

17 de abril de 2012 – 21:22

Lumy Stink

Então, o Conexão Noturna chega depois de amanhã. Tá tudo certo para a Alminha Conexão Noturna entrar sozinha no Educandário!

Curtir . Comentar . Compartilhar . 17 de abril de 2012 às 21:22

Você, Thiamat de 7 Cabeças, Lúcia Rosa e outras 2388 pessoas curtiram isso.

Thiamat de 7 Cabeças porque ela vai entrar sozinha? Ela é débil?

Lumy Stink Porque é assim o programa, ignorante. Eles entram em casas mal assombradas somente com uma câmera e o celular. Cê nunca viu, não? Passa as quintas de noite, no canal 121.

Thiamat de 7 Cabeças eu não tenho tv a cabo, garota. Só internet

Lumy Stink Tem no youtube. Baixa uns episódios.

O Fantasma do Educandário – pg. 287

“Ela sentia o suor escorrendo pelas suas costas, mas o medo a impelia para a frente. Ela ouvira as histórias antigas, é claro. Sobre o último ano do internato e a tragédia do poço do elevador. Mesmo assim, ela tinha experiência naquelas situações. Já perdera as contas das vezes que filmara em casas abandonadas.

Esbaforida, ela seguiu pelo corredor escuro e estacou, pois parecia que estava ouvindo algo. Era o choro inconsolável..”

19 de maio de 2012 – 12:01 AM

Alminha@conexaonoturna

12:01 entrando no velho educandário agora #fantasmaeducandario

Alminha@conexaonoturna

12:01 a equipe vai filmar de fora, em um prédio próximo, certo, pessoal? #fantasmaeducancario

Boogman@vjboogman

12:02 tamo na área @conexaonoturna #fantasmaeducancario

Alminha@conexaonoturna

12:02 por enquanto, nada de anormal. o prédio tá mesmo abandonado. tem cheiro de xixi #fantasmaeducancario

Boogman@vjboogman

12:03 sempre tem cheiro de xixi. nada da luz, ainda @conexaonoturna #fantasmaeducancario

Alminha@conexaonoturna

12:05 tô subindo uma escada agora. apesar da sujeira, tá tudo firme e em silêncio #fantasmaeducancario
RT Você e mais 18023 pessoas retuitaram isso.

AlunoInsone@marcosterra

12:07 ela tá lá dentro mesmo, aloca! #fantasmaeducancario

BeijosMordidos@lumystink

12:07 @marcosterra eu disse, não disse? é o #fantasmaeducandario no @conexaonoturna

Boogman@vjboogman

12:09 epa, a luz apareceu @conexaonoturna #fantasmaeducandario

RT Você e mais 29121 pessoas retuitaram isso.

Alminha@conexaonoturna

12:10 onde? @vjboogman #fantasmaeducandario

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

12:10 a luz! a luz na porra do #fantasmaeducandario

AlunoInsone@marcosterra

12:10 a luz no #fantasmaeducandario

Boogman@vjboogman

12:11 sexto andar, última janela a direita @conexaonoturna #fantasmaeducandario

RT Você e mais 18267 pessoas retuitaram isso.

Alminha@conexaonoturna

12:12 subindo para o sexto andar #fantasmaeducandario

rio

Alminha@conexaonoturna

12:17 tem alguém chorando... #fantasmaeducancario

Você e outras 22981 pessoas retuitaram isso.

Boogman@vjboogman

12:18 como alguém chorando?! @conexaonoturna

#fantasmaeducancario

Alminha@conexaonoturna

12:17 uma criança. não, são várias crianças #fantasma-educancario

Você e outras 18923 pessoas retuitaram isso.

Boogman@vjboogman

12:18 cai fora dai! @conexaonoturna #fantasmaeducancario

Ele pausou o teclado e se concentrou no pequeno aparelho de televisão que exibia a imagem do circuito fechado que havia instalado. A luz esverdeada da visão noturna mostrou, primeiro, o fecho de luz da potente lanterna de Alminha. Depois, a repórter apareceu, andando cautelosamente enquanto digitava para o seu público.

O meu público, ele pensou.

Com um engolir em seco, ele desligou o gravador e apertou o primeiro detonador.

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

12:25 que porra foi esta? a luz explodiu! #fantasmaeducandario

AlunoInsone@marcosterra

12:25 eu também vi. e tem outra explosão! #fantasmaeducandario

Boogman@vjboogman

12:26 Alma? Alma, cadê você?! @conexaonoturna
#fantasmaeducandario

BeijosMordidos@lumystink

12:25 que foi? Que foi???? #fantasmaeducandario
Você e mais 12812 pessoas retuitaram isso.

Boogman@vjboogman

12:26 Alma?! @conexaonoturna #fantasmaeducandario

Alminha@conexaonoturna

12:27 meu deus... eu vou sair... escada, trancada. Tem um elevador #fantasmaeducancario

Boogman@vjboogman

12:26 Alma, não vá para o elevador! Não vá! @conexaonoturna #fantasmaeducancario

Boogman@vjboogman

12:27 Alma? @conexaonoturna #fantasmaeducancario

Boogman@vjboogman

12:31 Alma? Alma!!!! @conexaonoturna #fantasmaeducancario

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

12:33 o prédio tá pegando fogo! eu tô vendo FOGO! #fantasmaeducandario

AlunoInsone@marcosterra

12:333 eu também! Porra, cara! Porra! #fantasmaeducandario

BeijosMordidos@lumystink

São os bombeiros?

Thiamat de 7 Cabeças@thiamat7

Sim eles tão chegando! E a polícia. O fogo tá todo alastrado.

Boogman@vjboogman

Cadê a Alma?

Você e outras 38912 pessoas retuitaram isso.

18 de maio de 2012 – 07:53 AM

Tragédia em São Sebastião – São Sebastião Online

www.saosebastiaonline.com.br

O antigo educandário de São Sebastião foi palco de uma tragédia sem precedentes na última noite quando a jornalista e blogueira Alma Aparecida dos Santos foi encontrada sem vida no poço do elevador. Segundo os primeiros relatos dos bombeiros, ela teria caído do sexto andar, local onde iniciou o fogo que destruiu boa parte da edificação. Não há relatos exatos...

Curtir . Comentar . Compartilhar . 18 de maio de 2012 às 07:53

Você, Iara Dornelles, Carlos Montoura, Rafael Andrades e outras 12809 pessoas curtiram isso.

Iara Dornelles não há relatos o escambau! todo mun-

do viu que ela foi assassinada pelo #fantasmaeducandario

Marcos Terraeu não sei o que houve, mas a mulher morreu e isso é muito sinistro.

Thiamat de 7Cabeças ela caiu no poço que nem a moça da história. Isso aí não tá certo.

Andradina Santinha Silva isso é coisa de gente desavergonhada. Porque tinha que se mete em um edifício abandonado? Tava querendo morrer, querida?

Marcos Terraô, Andradina Santinha Silva, vai pra &#@\$!

Ver mais comentários

O Fantasma do Educandário – pg. 287

“Ela sentia o suor escorrendo pelas suas costas, mas o medo a impelia para a frente. Ela ouvira as histórias antigas, é claro. Sobre o último ano do internato e a tragédia do poço do elevador. Mesmo assim, ela tinha experiência naquelas situações. Já perdera as contas das vezes que filmara em casas abandonadas.

Esbaforida, ela seguiu pelo corredor escuro e estacou, pois parecia que estava ouvindo algo. Era o choro inconsolável de várias crianças que pareciam clamar por ajuda. Com o coração batendo pesado em seu peito ela se aproximou de uma porta e girou a maçaneta.

A porta abriu e o prédio caiu sobre as suas costas.”





PROJETO MULAH DE TRÓIA XXVIII

B. B. Jenitez

PROJETO MULAH DE TRÓIA XXVIII

B. B. Jenitez

Trocar de editor é como trocar de esposa: você nunca sabe se está, como no dizer de Oscar Wilde, assistindo a derrota da experiência pela esperança. No meu caso, isso é duplamente verdade, pois minha nova editora, Cristina, é também minha nova esposa. Sim, queridos leitores, eu sei o que vocês estão pensando: “ele gosta de viver perigosamente”...

OK, não exatamente esposa... acho que noiva, ou namorada... hum... ela ainda não me assumiu no Facebook... Não faz mal. Ela é linda, inteligente, sexy e está sempre de bom humor. E acima de tudo, edita meus paperbooks, audiobooks, ebooks, penbooks, cellbooks e neurobooks! Que por acaso (ou melhor, por mérito, pois o acaso não existe!) estão vendendo bem, obrigado.

Mas voltemos ao que interessa. Como relatei em meu último livro, que se chama Projeto Mulah de Tróia XXVII se não me engano, os americanos usaram o Berço temporal para localizar os terroristas do Tea Party cinco anos antes do atentado nuclear de Nova York, de modo que este não se concretizou na nossa trilha temporal. Não tenho reclamações quanto a isso, pois Cristina é minha editora e amante apenas neste universo do Multiverso. Além disso, me parece que foram poupadas cerca de cinco milhões de vidas em

NY, a maior parte delas de leitores dos meus livros. Ou seja, de certa forma, vivemos agora no melhor dos mundos de Leibnitz.

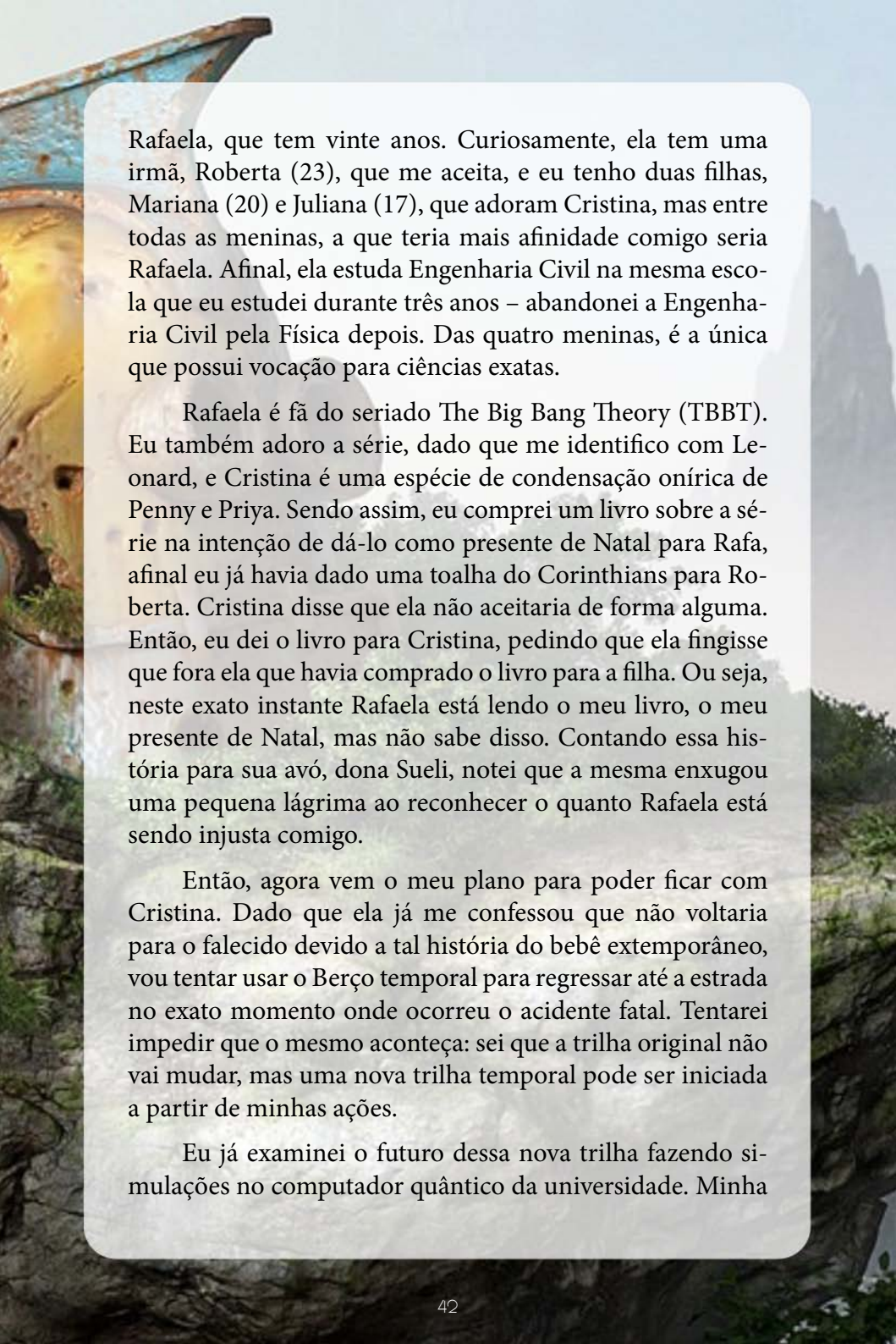
E, no entanto... para um bem ainda maior... devo escrever este livro. O livro que destruirá este belo mundo, criando outra trilha temporal onde B. B. Jenitez é um escritor fracassado que nunca conseguiu ir além de escrever uns poucos contos em fanzines de FC ou talvez ganhar um concurso literário aqui e ali. Talvez nem isso. Mas preciso escrever o livro para mudar nossa trilha de Everett a fim de salvar o ex-marido de Cristina e finalmente poder ficar com ela.

Sim, eu estou renunciando a uma trilha temporal de fama e fortuna em prol de uma trilha temporal de fracasso e pobreza. Mas Cristina vale a pena. Então, vamos ver o que acontece.

O problema que enfrento e que me impede de ficar com Cristina tem a ver com sua filha Rafaela. A menina era muito apegada ao padrasto, o qual infelizmente morreu nesta trilha temporal devido a um acidente de automóvel fortuito, digo, nem tão fortuito porque o acaso não existe, ou melhor, dado que todas as trajetórias quânticas são realizadas no Multiverso de Everett, todos os eventos possíveis ocorrem com probabilidade igual a um.

Rafaela não admite que Cristina se envolva comigo, em memória do padrasto. Mesmo o fato de que ele teve um filho com outra mulher meses antes de falecer não é levado em conta por Rafaela, afinal isso não foi premeditado, sendo fruto de um imprevisto, mesmo se sabendo que o acaso não existe, como qualquer “cientista” presente no filme “Quem somos nós?” poderá atestar com veemência...

Eu não sei mais o que fazer para ganhar a simpatia de

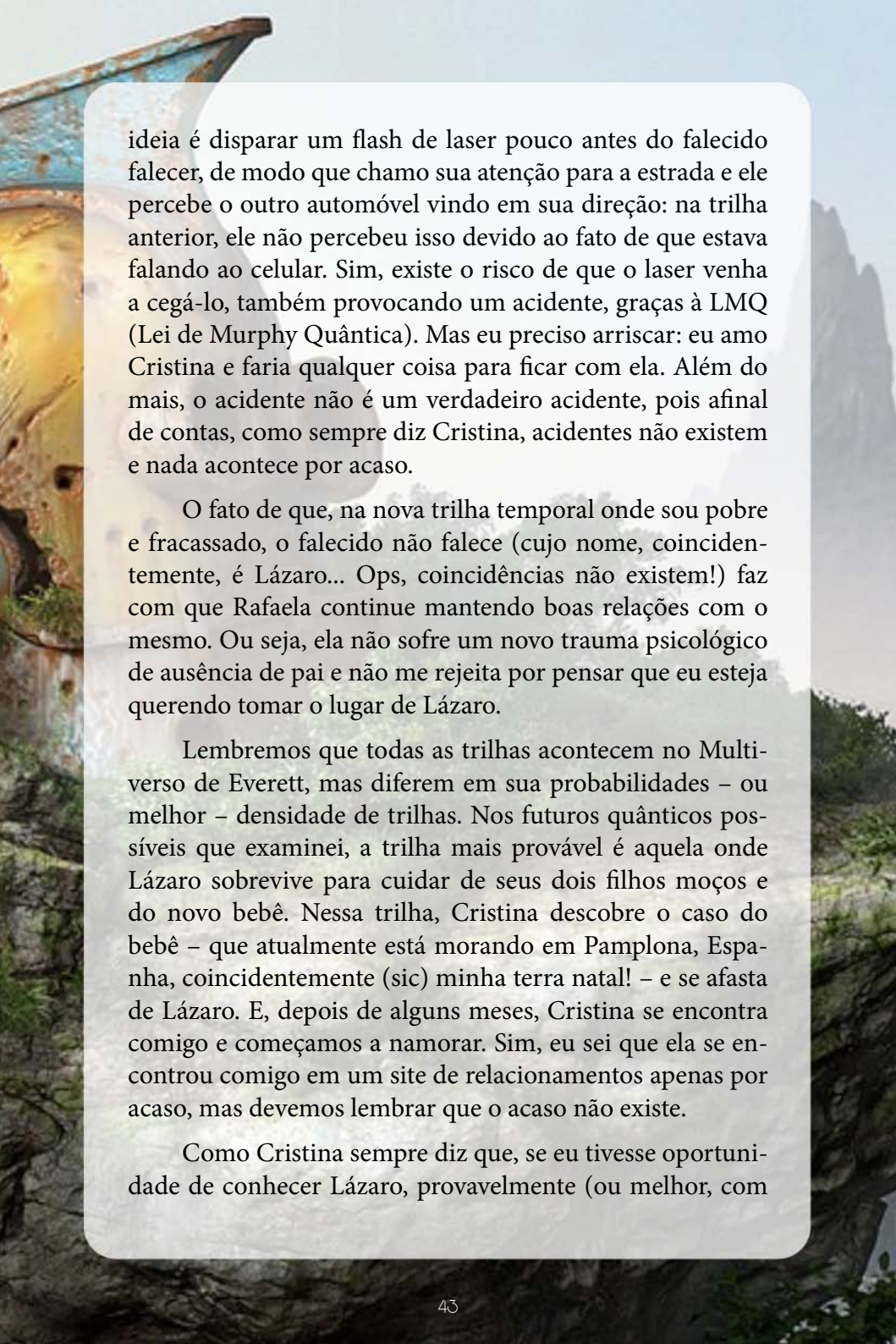


Rafaela, que tem vinte anos. Curiosamente, ela tem uma irmã, Roberta (23), que me aceita, e eu tenho duas filhas, Mariana (20) e Juliana (17), que adoram Cristina, mas entre todas as meninas, a que teria mais afinidade comigo seria Rafaela. Afinal, ela estuda Engenharia Civil na mesma escola que eu estudei durante três anos – abandonei a Engenharia Civil pela Física depois. Das quatro meninas, é a única que possui vocação para ciências exatas.

Rafaela é fã do seriado *The Big Bang Theory* (TBBT). Eu também adoro a série, dado que me identifico com Leonard, e Cristina é uma espécie de condensação onírica de Penny e Priya. Sendo assim, eu comprei um livro sobre a série na intenção de dá-lo como presente de Natal para Rafa, afinal eu já havia dado uma toalha do Corinthians para Roberta. Cristina disse que ela não aceitaria de forma alguma. Então, eu dei o livro para Cristina, pedindo que ela fingisse que fora ela que havia comprado o livro para a filha. Ou seja, neste exato instante Rafaela está lendo o meu livro, o meu presente de Natal, mas não sabe disso. Contando essa história para sua avó, dona Sueli, notei que a mesma enxugou uma pequena lágrima ao reconhecer o quanto Rafaela está sendo injusta comigo.

Então, agora vem o meu plano para poder ficar com Cristina. Dado que ela já me confessou que não voltaria para o falecido devido a tal história do bebê extemporâneo, vou tentar usar o Berço temporal para regressar até a estrada no exato momento onde ocorreu o acidente fatal. Tentarei impedir que o mesmo aconteça: sei que a trilha original não vai mudar, mas uma nova trilha temporal pode ser iniciada a partir de minhas ações.

Eu já examinei o futuro dessa nova trilha fazendo simulações no computador quântico da universidade. Minha



ideia é disparar um flash de laser pouco antes do falecido falecer, de modo que chamo sua atenção para a estrada e ele percebe o outro automóvel vindo em sua direção: na trilha anterior, ele não percebeu isso devido ao fato de que estava falando ao celular. Sim, existe o risco de que o laser venha a cegá-lo, também provocando um acidente, graças à LMQ (Lei de Murphy Quântica). Mas eu preciso arriscar: eu amo Cristina e faria qualquer coisa para ficar com ela. Além do mais, o acidente não é um verdadeiro acidente, pois afinal de contas, como sempre diz Cristina, acidentes não existem e nada acontece por acaso.

O fato de que, na nova trilha temporal onde sou pobre e fracassado, o falecido não falece (cujo nome, coincidentemente, é Lázaro... Ops, coincidências não existem!) faz com que Rafaela continue mantendo boas relações com o mesmo. Ou seja, ela não sofre um novo trauma psicológico de ausência de pai e não me rejeita por pensar que eu esteja querendo tomar o lugar de Lázaro.

Lembremos que todas as trilhas acontecem no Multiverso de Everett, mas diferem em suas probabilidades – ou melhor – densidade de trilhas. Nos futuros quânticos possíveis que examinei, a trilha mais provável é aquela onde Lázaro sobrevive para cuidar de seus dois filhos moços e do novo bebê. Nessa trilha, Cristina descobre o caso do bebê – que atualmente está morando em Pamplona, Espanha, coincidentemente (sic) minha terra natal! – e se afasta de Lázaro. E, depois de alguns meses, Cristina se encontra comigo e começamos a namorar. Sim, eu sei que ela se encontrou comigo em um site de relacionamentos apenas por acaso, mas devemos lembrar que o acaso não existe.

Como Cristina sempre diz que, se eu tivesse oportunidade de conhecer Lázaro, provavelmente (ou melhor, com

certeza) eu teria me tornado amigo dele, imagino que no final dessa história todos formaríamos uma grande família, com três mães, dois pais e oito filhos... digo, nove, esqueci de contar o bebê espanhol... ou mesmo onze filhos, cinco mães e três pais, se eu contar a menina que minha ex teve com o novo marido e a ex-mulher do novo marido da minha ex-mulher e o filho deles.

E assim, nossa amizade poderia florescer: eu poderia ajudar Rafaela a estudar para as difíceis provas do curso de engenharia, pois sou professor de Estatística e Probabilidade (Hum, Probabilidades não existem), de Métodos Numéricos e Computacionais, de Física etc. Tenho certeza que nos daríamos muito bem, quem sabe assistindo TBBT juntos (eu tenho a coleção completa em DVDs) ou discutindo política, filosofia, Veganismo etc., temas que eu sei que ela gosta. Eu até mesmo sugeri para Cristina que, caso a Rafa não estivesse indo muito bem na carreira de Engenharia, ela poderia trocar pela carreira – bem mais interessante, eu acho – de Física Teórica. Afinal, ela é fã número um do Sheldon Cooper!

Bom, entrarei no Berço e farei a viagem temporal dentro de alguns minutos. Estes são os últimos registros do meu diário caso eu não volte. Sim, o computador quântico calculou que existe uma probabilidade de XXVIII% de que Lázaro não bata no automóvel à sua frente, mas, ao se desviar devido ao flash de laser, me atropela de forma fatal. Quero deixar aqui um beijo para Cristina, para as meninas, em especial para a Rafa – alguém que tenho muito carinho e que realmente queria conhecer e conversar, mas nunca tive oportunidade. OK, não precisam me desejar boa sorte, não! Afinal de contas, sorte, acaso e coincidências não existem...



O PARADOXO DE EU MESMO

Alexandre Santos Lobão



O PARADOXO DE EU MESMO

Alexandre Santos Lobão

A maioria das grandes descobertas científicas foi realizada por estudiosos com menos de trinta anos.

Por favor não me entendam mal: um cientista consegue ser produtivo até a velhice avançada, no entanto, não estou falando de cientistas, mas de gênios. Um cientista consegue, a partir do ponto A, deduzir o ponto B, e unindo novas premissas ao ponto B, inferir o ponto C. Um gênio pula de A até C sem passar por B, e aí é que está a genialidade: ele consegue chegar a conclusões avançadas, sem necessariamente passar por todo um raciocínio lógico-matemático que suporte seus primeiros passos.

O que imagino é que, depois de algum tempo, a mente se torna viciada pelo excesso de paradigmas a serem seguidos, e o gênio passa a ser um cientista. Pode se tornar um brilhante cientista mas, ainda assim, fica um degrau abaixo do que era originalmente.

Eu não me furto à regra: embora tenha levado mais de dez anos para conseguir estabelecer as provas matemáticas, e outras três décadas para conseguir fundos e desenvolver a tecnologia necessária para conseguir a prova física de minhas conclusões, minhas grandes ideias me ocorreram quando eu tinha apenas vinte e cinco anos.

O que começou quase como um exercício de criativi-

dade, logo se transformou em pesquisa séria quando percebi que havia todo um ramo inexplorado que poderia unir dois pontos até então insuspeitos: as definições da termodinâmica limítrofe com as equações elaboradas por Einstein para a relatividade, e seus posteriores desdobramentos.

A ideia em si era simples, como as fagulhas de genialidade geralmente o são.

A primeira premissa de meus estudos é que o mundo real tem determinados limites estabelecidos por definições matemáticas, e o que há além destes limites é matéria apenas para especulações: boa parte dos cientistas acredita que, simplesmente, nada há, enquanto outros brincam com ideias as mais variadas.

A segunda premissa, e aí é que entrou minha contribuição, é que os limites matemáticos poderiam ser trabalhados em conjunto para que se anulassem mutuamente, permitindo que novas conclusões emergissem de equações conjuntas, sem as limitações impostas por valores que a meu ver carecem de apoio no mundo real.

O caminho que se mostrou mais promissor, como já adiantei, foi unir os estudos da física para temperaturas extremamente baixas com as equações mais básicas da relatividade. De um lado, as equações da termodinâmica indicavam a temperatura zero Kelvin, o “zero absoluto”, como um limite intransponível, uma vez que abaixo disso a matéria tenderia a uma massa zero. Por outro lado, tínhamos a velocidade da luz como outro limite intransponível, pois segundo a relatividade, a massa de um corpo tenderia ao infinito quando se aproximando da velocidade da luz, e precisaríamos de infinita energia para atingir esta velocidade.

Destes conceitos nasceram definições como a do ponto

de zero-movimento da mecânica quântica, que seria o ponto de menor energia de um corpo, diferente de zero. Até o princípio da incerteza de Heisenberg foi evocado para justificar a impossibilidade de um corpo chegar à energia zero, quando os átomos estariam parados! Também podemos dizer que desta necessidade de conseguir explicações para as situações-limite é que nasceu o conceito de massa quântica, que agrega o momentum e a energia cinética relativísticos à massa de repouso é apenas uma extrapolação necessária para que justificar como a massa de um corpo pode aumentar simplesmente por acelerá-lo em velocidades próximas à da luz.

Neste momento, uma holo-câmera se aproximou discretamente e projetou, em um ponto que apenas o palestrante podia ver, o rosto do diretor da universidade. O cientista ouviu os brados do diretor em seu receptor auricular:

“Boltzmann, pelo amor de Deus! Você está matando de tédio um milhão de holo-espectadores! Vá direto ao ponto!!”

Boltzmann pigarreou e voltou os olhos novamente para a plateia, continuando.

Mas peço que perdoem a divagação. O fato é que, quarenta e dois anos atrás, comecei a trabalhar com o que veio a se chamar de “teoria de compensação de limites”, da qual nasceram diversas frentes de trabalho e conclusões interessantes, inclusive aquela que maior parte dos senhores provavelmente conhece: a transformação de pseudopotenciais de Boltzmann-Furukawa, a qual será mais do que provada pelo experimento de hoje.

Os cientistas da plateia se entreolharam, e pequenos sussurros com exclamações de surpresa percorreram o auditório. O palestrante finge não perceber.

Na verdade, como os senhores verão, fomos bem mais longe do que se podia imaginar, no entanto, em virtude dos contratos de financiamento de pesquisas que temos com o governo, nosso trabalho não pôde ser divulgado até este momento. Os primeiros resultados foram conseguidos mais de dez anos atrás.

Baseando-nos nas inferências sugeridas pela referida transformação, trabalhamos nos últimos anos em um dispositivo que utilizasse determinadas propriedades de materiais supercondutores e a tecnologia dos aceleradores de partículas para acelerar partículas ao mesmo tempo em que diminuimos sua energia interna esfriando-as a temperaturas cada vez mais próximas de zero Kelvin.

O resultado, como previsto pela transformação de Boltzmann-Furukawa, é que houve uma compensação na troca de energias que permitiu não apenas acelerar qualquer partícula além da velocidade dos táchions (que, vocês já sabem, são mais rápidos que a luz), como também nos permitiu fazer isso sem necessitar nem de uma energia, nem de um tempo infinito para fazê-lo.

Um murmúrio de espanto corre pela plateia, e faz nascer um sorriso discreto na face sisuda de Boltzmann, que já premeditava o que viria em seguida.

O que nos surpreendeu, no entanto, foi que uma ex-

trapolação não prevista da transformação que gerou um campo de energia semelhante a um campo eletromagnético, mas de natureza totalmente diversa.

Passamos mais alguns anos aperfeiçoando tanto o equipamento quanto nossas equações, e chegamos à conclusão que a variação na velocidade da passagem do tempo, prevista por Einstein, continua válida para velocidades além da velocidade da luz. O que, na prática, implica em dizer que para estas velocidades o sinal da variável tempo se inverte. Ou, simplisticamente, que o tempo anda para trás. E não apenas para o objeto acelerado, mas também para tudo que é afetado por seu campo de distorção temporal.

Percebo os olhares de incredulidade dos senhores. No entanto, estas pastas que receberam trazem todos os desenvolvimentos das novas transformações e as equações que os justificam, conforme os trabalhos consolidados de nossa equipe. Mas não precisam se dar ao trabalho de tentar entendê-las agora, até porque, e isso é nossa surpresa final, nós conseguimos adaptar nosso experimento para conseguir uma prova física das equações.

Neste momento, Jules Boltzmann para e degusta por alguns instantes a incredulidade dos cientistas da plateia. Ele sorri então para seu colega, balançando a cabeça positivamente, ao que o pequeno japonês sorri de volta e pressiona uma rápida sequência de botões que aparecem na tela-superfície da mesa. A parede atrás do cientista se ilumina e ele aponta, triunfante, para o que parece ser uma holo-imagem projetada na parede.

Esse que vocês veem na tela, meus amigos, sou eu,

há aproximadamente quarenta e dois anos. Neste exato momento, durante uma apresentação do físico Lingbert Crownwell, foi quando tive as primeiras ideias que eventualmente vieram a se tornar a teoria da compensação dos limites.

E há mais: Isso que você presenciam agora não é simplesmente uma visão do passado, mas sim o próprio campo de distorção temporal, projetado a partir da versão atual de nosso dispositivo. Na prática, esta é a máquina do tempo sonhada por tantos ficcionistas desde H.G.Wells!

Uma grande balbúrdia cresce no auditório, que começa com conversas entre colegas e termina com mil perguntas sendo disparadas a Boltzmann, que pede silêncio. As holo-câmeras que acompanham o evento flutuam nervosamente pelo local, ora pairando para coletar as conversas dos cientistas, ora buscando respostas de Boltzmann.

Continuando... Continuando...

A voz do palestrante ecoa através dos projetores sonoros do aposento. Finalmente a plateia e as holo-câmeras se acalmam.

Continuando, já realizamos algumas experiências muito básicas, como por exemplo trazer uma pequena quantidade de plutônio do passado e verificar que sua meia-vida não foi alterada durante o que podemos chamar de “viagem” até o presente.

A algazarra recrudescer por alguns momentos; e Boltzmann espera pacientemente que o silêncio retorne.

No entanto, chegamos agora a um impasse, e apenas por isso foi que conseguimos a autorização do governo para tornar público o experimento e chamá-los para este debate.

Por um lado, meu colega Furukawa, que agora pilota o painel de controle do experimento, acredita que as novas extrapolações de nossa transformação levam à conclusão que qualquer alteração significativa no passado levará ao estabelecimento de um paradoxo temporal que, na prática, implicaria na liberação de toda a energia do experimento de uma só vez. Como estamos falando de uma energia teoricamente infinita, isso seria o fim do universo que conhecemos.

Novo burburinho. Furukawa se afasta dos controles e para ao lado de Boltzmann. Depois de um tempo, o palestrante continua.

Por outro lado, eu acredito – na verdade, o correto seria dizer que estou bem certo disso – que qualquer alteração no passado não se refletirá no presente. Antes, deverá gerar algum tipo de corrente de tempo ou realidade alternativa, sem alterar nosso momento presente, que se baseia inteiramente em eventos já definidos. Em outras palavras, não acredito que seja possível estabelecer um paradoxo, pois a mudança simplesmente seria compensada pela criação de uma alternativa temporal.

Neste ponto de nossas divergências, sem conseguirmos chegar a um consenso, resolvemos em conjunto parar

e convocá-los para avaliar e dar sua opinião sobre nossos estudos, o que os convidamos a fazer a partir de agora!

Os cientistas da plateia aplaudem, e Furukawa desce do palco para cumprimentar amigos e trocar ideias. Muitos ainda olham espantados para a imagem de Boltzmann mais novo, incertos ainda quanto a acreditar que aquilo era realmente uma visão de algo ocorrido décadas atrás.

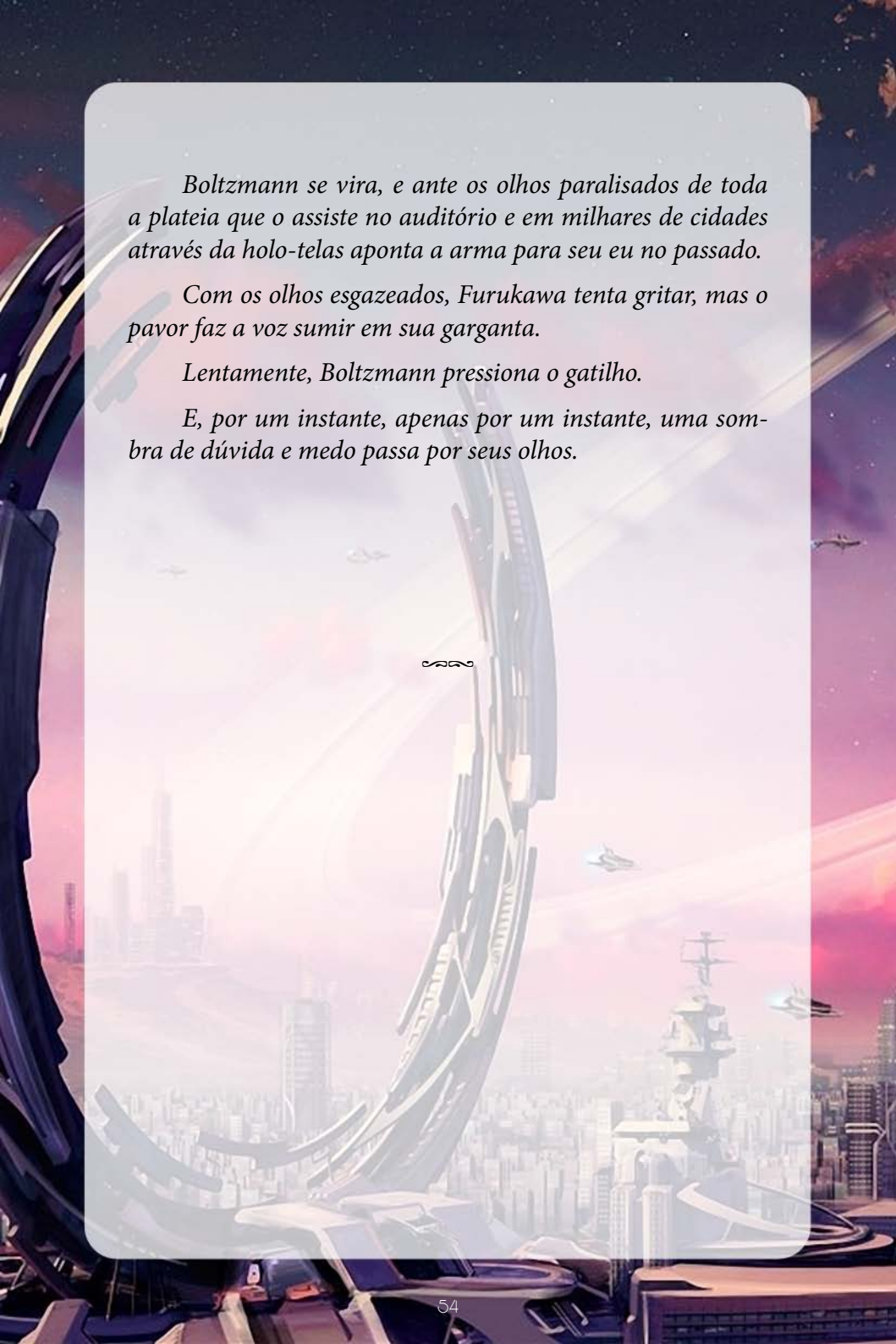
Neste momento, a voz de Boltzmann ressoa novamente, mais alta, quase estridente. Todos se calam, voltando-se para o cientista, que saca uma arma do casaco e a levanta em sua mão esquerda.

No entanto, colegas, unilateralmente eu decidi que já é hora de abandonarmos estes velhos medos, ressuscitados por Furukawa de antigas histórias de ficção científica que falavam do “paradoxo do avô”. Passei quarenta e dois anos esperando pela comprovação última de minhas teorias, e não pretendo esperar outros quarenta e dois até que a comunidade científica julgue ser seguro o suficiente realizar estes experimentos.

A ciência, às vezes, precisa de alguns saltos para evoluir mais rápido.

E agora, provarei que não há erros em minhas teorias gerando o que seria um paradoxo maior que matar meu avô: matarei eu mesmo, gerando uma linha temporal divergente, mas sem afetar de maneira alguma nossa linha.

Quando eu pressionar este gatilho, e o universo não for destruído em uma improvável bola de energia infinita, poderemos passar à próxima etapa de nossas pesquisas!



Boltzmann se vira, e ante os olhos paralisados de toda a plateia que o assiste no auditório e em milhares de cidades através da holo-telas aponta a arma para seu eu no passado.

Com os olhos esgazeados, Furukawa tenta gritar, mas o pavor faz a voz sumir em sua garganta.

Lentamente, Boltzmann pressiona o gatilho.

E, por um instante, apenas por um instante, uma sombra de dúvida e medo passa por seus olhos.

NUM POTINHO SEM FUNDO

Adrianna Alberti



NUM POTINHO SEM FUNDO

Adrianna Alberti

A briu o armário velho, cheiro de pólen e poeira, quinquilharias aqui e ali amontoavam a prateleira de madeira. Suas mãos calejadas e enrugadas moviam-se com o cuidado de quem já derrubara muitos potes de vidros no chão. Tremia ao retirar item por item. Os olhos já gastos liam os nomes nas etiquetas: Asa de morcego, unha de dedão do pé, olho de peixe, erva cidreira, beladona em pó, unha do diabo, cabelo ruivo, cabelo negro, cabelo castanho, cabelo loiro.

A neta gargalhava ao seu lado ao repassar os nomes estranhos. Nos potes de vidro embaçado brincava de adivinhar o estado do conteúdo. Dos olhos de peixe não havia senão um musgo negro, dos ossinhos de galinha preta nem uma corrosão sequer.

Havia apenas um vidro minúsculo, do qual sequer lembrava-se da existência. As unhas longas e afiadas escavaram buscando alcançá-lo, mas foi a mão ágil da neta que o apanhou.

– O que é isso vó? – dizia revirando aquele item sem nome.

Pôde notar nos olhos negros da velha uma camada de água se formar, um sorriso surgiu no canto dos lábios finos,

quase fazendo ressurgir as covinhas com as quais era conhecida quando jovem.

As mãos, antes trêmulas, ganharam firmeza e cuidado ao entrar em contato com aquele objeto. Com respeito e curiosa, a jovem observou a matriarca, ela parecia acarinhar aquilo que sem etiquetas ou identificações trazia apenas uma fitinha vermelha bem fina amarrada no gargalo e uma tampa de rolha bem cerrada.

– Tão antigo e ainda intacto. Tão bom rever isso. Espere!

Um segundo foi suspenso, ambas segurando a respiração e o tempo. Com muita delicadeza, a senhora abriu aquele recipiente. Então, em sincronia, ambas aspiraram o ar. O cheiro único tomou de assalto a jovem. Desconhecia aquele perfume, mas a nostalgia que preencheu seu coração quase a fez derramar lágrimas parecidas com a de sua avó.

A sensação de um abraço apertado, de um roçar de lábios nos lábios, o gosto de um copo de vodca na boca, a imagem de um homem alto, barba cerrada, o cabelo negro liso. A mão que pendia solta ao lado do corpo moveu-se inconsciente, sem querer até as pontas dos dedos reconheciam o tato e redesenhavam as costas largas.

Eram todas aquelas coisas velhas que há muito estavam esquecidas que fizeram brotar lágrimas pesadas, escorriam e molhavam não apenas o rosto, mas a roupa e a alma.

A neta apenas retirou das mãos da outra o vidrinho e a tampa. Fechou novamente aquele potinho desconhecido, colocando-o de volta na prateleira. Abraçou a avó e deixou-se fluir naquele turbilhão de emoções.

A mulher procurava com afincos aquele recipiente que dizia a lenda era possível guardar eternamente o que fosse posto ali. Achou o pote quase escondido atrás das compotas de coisas mantidas no éter, embalado em papel de seda azul. Ali estava o Potinho Sem Fundo, com o nome dela rabiscado, especialmente feito para ela.

Não era preciso colocar em palavras seus sentimentos, guardava suas emoções para si. Forte e decidida tal como ela era. *Não era nada*, eles diziam, mas bem sabiam de suas vontades.

Ela particularmente gostava de toda aquela situação não nomeada. Não era necessária resposta, não era necessária sequer uma pergunta. Sentia livremente o que bem lhe convinha. Amava-o quando presente, divertia-se quando um amigo, tomava-o por amante e odiava-o por teimosia. Ele, perdido, sem ciência das promessas, angústias e sonhos que ela lhe compartia.

Sabia que de posse daquele mágico objeto era algo dele que ela guardaria. Tentou esconder ali uma lembrança, mas percebeu que perdia em sua memória o momento. Arriscou então um beijo, porém, efêmero que era, antes de chegar à boca do pote, já havia se perdido no ar. Quis então colocar ali uma imagem, mas qualquer foto ou quadro, por menor que fosse sequer cabia. Aquelas sensações, tidas nas pontas dos dedos, no arrepiar da pele, buscou aderir com cola, sem sucesso.

Perdeu noites em claro buscando algo para encerrar naquele vidrinho. Com dificuldade, demorou a encontrar algo que lhe fosse mais querido e marcante. Percebeu o que seria aquilo num encontro dos corpos, num abraço singelo, num sussurro do vento, numa sensação quente que estava

marcada a fogo na face. Não havia outra coisa, senão a única que realmente não havia substituto à altura. Guardaria ali o cheiro singular dele. A mistura de pele e roupa limpa, perfume e calor do sol, a friagem vinda da lua, aconchego, determinação e suor.

O feitiço foi feito tal qual sua avó lhe ensinara. Era uma amarração sem amarras, um desejo sem destino, um agradecimento em forma de pedido e um objeto sem intenção.

Colheu cada item, por mais estranho. Primeiro um fio de cabelo, depois os raios de sol. A pele num quadradinho, quase cirurgicamente retirada, coisa de milímetros. O suor, numa gota discreta. O aconchego, por conta de uma dança distraída. O algodão ainda em flor, o sabão em pó e o amaciante. O hálito num beijo, a satisfação num gozo gritado.

Foi coletando item por item, tal qual uma aprendiz no início de seu caminho. Precisou ainda de ervas especiais, a nota quente do perfume de sempre, primeiro retirado direto do frasco e depois aquele grudado na roupa. Por fim, a mais importante, a que permanecia delicadamente suspensa na própria pele. Misturou com determinação, tal qual ele faria. Não pôde deixar de lado sua própria marca: uma gota daquela afeição.

Guardou então no Potinho Sem Fundo a mistura rarefeita. Pareceu perder um bocado quando, ao mirar no gargalo fininho, parte daquele peculiar produto se espalhou pela casa, preenchendo quase cada pedaço. Mas, do item mágico, como fora produzido, guardou satisfatoriamente o resultado.

Impediu-se de etiquetar, enumerar e classificar aquele intento. Deveria ser livre de todos os rótulos, assim como eles. Porém, fez questão de passar uma fitinha vermelha,

cor preferida dele, no mesmo tom do seu cabelo, batom e unhas, tantas vezes escolhidas para agradá-lo.

Às vezes, consumia-se agarrada àquele pequeno frasco. Em outras ocasiões, evitava sequer tocá-lo, por receio de findar. Alguns dias, o carregava no bolso, como amuleto de sorte. *Quebre uma perna*, ela repetia, todas as vezes que precisava encher-se de coragem. Noutros, deixava-o esquecido num canto, entre roupas e bijuterias usadas, ou perdido entre livros e discos. Chegou até mesmo a precisar ser lembrada de que havia tomado aquilo para si.

Muitas vezes viu aquele item passar de mão em mão, ora querido, ora usado, ora prescrito, ora roubado. Ele mesmo a repreendeu um tanto de vezes por tamanho descaso. Mas, quando a vontade surgia, não havia medo que a impedia, fazia uso e abuso daquele vidrinho até se cansar.



A velha soltou-se da neta ao fim de todas aquelas lembranças. O sorriso maroto da menina a impelia a gargalhar divertida. Aquele era o feitiço mais comum, embora também o mais difícil: compartilhar experiências vívidas, situações concretas, tato, olfato, paladar, emoção, audição e visão.

– Há coisas, há muita vida que não foram colocadas aqui. Feitiço antigo, sabe como é.

O riso descontraído chamou a atenção da gata negra. Ambas estavam felizes e aquilo as tornava mais cúmplices. Logo se puseram a continuar a arrumação. O Potinho Sem Fundo fora depois guardado em uma caixinha prateada, com um bonito floreado esculpido no tampo. A caixa por sua vez, não saiu mais da gaveta do criado mudo da jovem,

presente de sua avó, lembrança que ela quisera compartilhar com a neta.



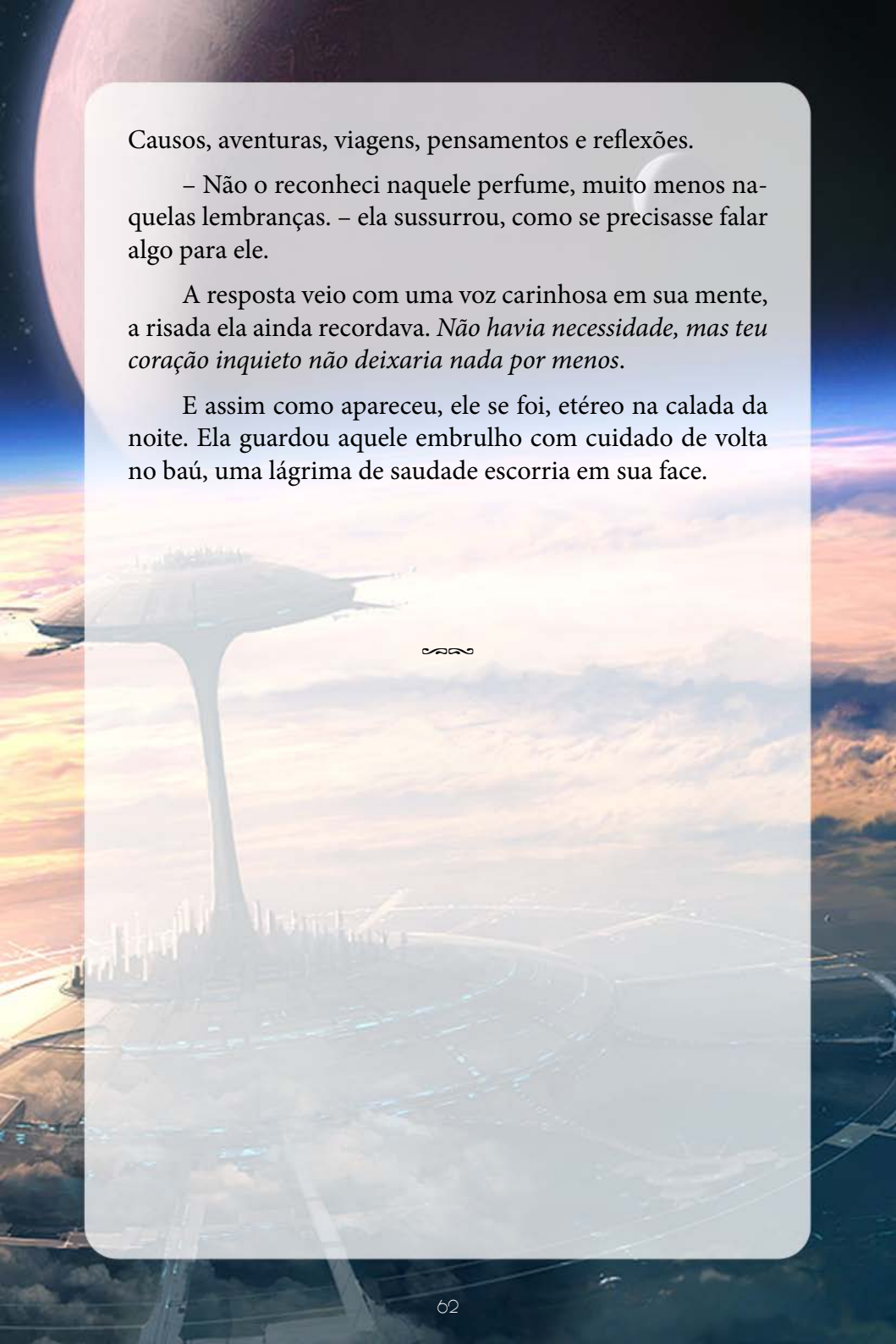
Deitada com a camisola de algodão macio, aquela velha roupa que deixava para usar apenas na casa da avó, ela se pegou confusa sobre uma memória que não era da matriarca.

Pulou na ponta do pé, seguindo rumo ao quintal escuro. Munida com a luz fraca de uma lanterninha de chaveiro, ultrapassou o limite do jardim e entrou na construção circular. Ainda havia o cheiro de detergente que usaram para limpar o local. As prateleiras quase reluziam a cor original da madeira. Fizeram uma ótima arrumação, com certeza.

Passou o dedo pelo armário que guardava as ferramentas de jardinagem, pela estante dos livros de magia da família, nas prateleiras dos potes e ervas, pela janela de vidraça colorida. E parou no fundo daquele ambiente tão familiar e aconchegante. Concentrou-se para encontrar aquilo que procurava.

No silêncio da madrugada, na escuridão da noite, viu o grandioso baú se abrir. Sorriu, emocionada. Ali dentro, guardados num pacote de cetim branco, uma camisa velha preta e um retrato já esmaecido pelo tempo. Fez menção de cheirar a peça de roupa, mas sequer fora necessário. Em pé, ao lado da porta, um sorriso familiar lhe era mostrado.

O homem alto, sem um fio de cabelo, sorriso aberto, a cumprimentava. Ele permanecia igualzinho ao que ela lembrava. Quando criança, esperava-o chegar em datas especiais, páscoa, natal, em seu aniversário, às vezes no dia das mães. Sentava aos seus pés e ouvia-o contar histórias.



Causos, aventuras, viagens, pensamentos e reflexões.

– Não o reconheci naquele perfume, muito menos naquelas lembranças. – ela sussurrou, como se precisasse falar algo para ele.

A resposta veio com uma voz carinhosa em sua mente, a risada ela ainda recordava. *Não havia necessidade, mas teu coração inquieto não deixaria nada por menos.*

E assim como apareceu, ele se foi, etéreo na calada da noite. Ela guardou aquele embrulho com cuidado de volta no baú, uma lágrima de saudade escorria em sua face.

~

ESPÍRITO NATALINO

Ronald Rahal



ESPÍRITO NATALINO

Ronald Rahal

A Terra vista daquela distância do espaço continuava a mesma desde que o homem começara a lançar ao seu redor os primeiros satélites artificiais. Séculos depois de avanços tecnológicos a imagem não se alterara e ainda se podiam ver as mesmas grandes massas continentais e seus vastos oceanos azuis, encobertos aqui e ali por extensas manchas brancas. Naquela intrincada massa de nuvens, a presença de um enorme rodaminho demonstrava que as complexas engrenagens que mantinham o planeta vivo ainda estavam presentes. Aquela esfera azul pairando contra o fundo negro continuava sendo o mesmo ícone desde que começara a era espacial no longínquo século XX.

Naquele ano de 4174 esta aparência era enganosa e não demonstrava que na superfície algo de muito importante havia mudado. A civilização continuava progredindo e as grandes cidades ainda se espalhavam pelo planeta. No seu lado noturno os reflexos de suas existências se traduziam nos intrincados traços geométricos luminosos que se interligavam como teias de aranhas.

Mas os habitantes daquele mundo já não eram os mesmos. Um raro vírus encontrado numa das explorações do sistema solar contaminara e dizimara de forma irreversível toda a humanidade. Agora, só seus descendentes, as máqui-

nas inteligentes construídas por eles, davam prosseguimento à marcha da história.

A unidade Alfa-Série B700 Kar-100 fora construída há pouco tempo na grande Fábrica Meridional e, como toda unidade autônoma, recebera o formato humanoide de seus velhos idealizadores. Poder-se-ia dizer que era um ser dotado de inteligência, muito mais do que a de um homem mediano da época mais antiga, mas para os padrões daquela nova civilização tecnológica seu nível intelectual ainda estava no estágio de uma criança.

A grande Unidade Central que governava a Terra em nome da humanidade lhe propiciara o básico da programação padrão, para que pudesse exercer todas as funções autônomas da sua série.

Kar-100 fora designado para a Estação de tratamento de unidades obsoletas BR-897 e periodicamente precisava se atualizar no Centro de Desenvolvimento DF3443, junto a outras unidades de diversas séries. Era a única ocasião em que as unidades podiam se socializar e trocar impressões entre si, para o seu próprio desenvolvimento, como planejara a grande Unidade Central. Mas aquela socialização, de certa forma, por razões que seus processadores ainda não compreendiam por completo, não o agradava e ele sempre procurava retardá-la o máximo que podia.

Sem que a grande Unidade Central soubesse, Kar-100 começara a transcender a sua própria programação justamente por causa da função a qual fora designado: reparar ou reciclar unidades obsoletas.

Muitas delas, construídas há centenas de anos, tinham sofrido danos irreparáveis e não conseguiam seguir a lógica imposta pela Unidade Central às suas programações.

Sua função era descobrir o defeito e repará-las para poder integrá-las novamente à sociedade das máquinas. Mas havia casos em que os circuitos estavam tão desgastados que não havia mais modos de repará-las. Então, tinha que desativá-las definitivamente para que seus componentes fossem reciclados e reutilizados como matéria-prima para novas unidades. Porém, por uma lógica que não conseguia solucionar, não fizera isso com uma parte da velha unidade Lor-337. Mantivera-a escondida num canto da oficina sob um monte de sucata.

Em todos aqueles anos reciclando e reciclando unidades, Lor-337 fora um caso único. E as informações que trocara com ele, desde que viera parar na oficina, lhe eram confusas e difíceis de classificar. E quanto maior o fluxo de dados mais complexa era a sua assimilação. Se fosse seguir as instruções da grande Unidade Central simplesmente apagaria a memória do obsoleto Lor e jogaria seus restos, um monte de ultrapassados circuitos, na pilha de materiais a serem reciclados. Mas não fizera isso por uma razão: as informações que ele continha diferiam de tudo que já processara e a dificuldade em lhes dar um sentido lógico o impedira de jogar a peça na pilha de carcaças. O interesse era renovado a cada troca de informações e uma espécie de simbiose se estabelecera entre as duas unidades de processamento.

Talvez fosse mera curiosidade, algo inédito em sua programação, que o fizera burlar até seu comportamento habitual noturno, onde todos deveriam se desligar para a economia de energia. Desenvolvera um programa que burlava a vigilância e esta farsa permitia-lhe todas as noites trocar informações com o velho Lor-337. E à medida que as horas do dia transcorriam outra sensação, também inédita, como se fosse uma espécie de ansiedade, percorria cada vez mais o seu centro de processamento, aumentando sua ne-

cessidade de trocar mais informações com Lor.

Ele tinha formulado nas horas de trabalho algumas perguntas para fazer naquela noite e tentaria pela última vez encadear todas as informações recebidas de forma que fizessem algum sentido.

Chegada a hora habitual, ele ativou o programa que criara, enganando a grande Unidade Central de que estava em “estado de espera” consumindo pouca energia. Depois rumou para o fundo da oficina onde escondera a parte superior de Lor, ativando-a mais uma vez. Poderia utilizar meios mais rápidos de comunicação entre os dois processadores, mas a forma antiga dos humanos de conversar dava-lhe mais tempo de reprocessar e classificar o que a velha máquina lhe dizia, pois ela era uma das últimas construídas no tempo dos humanos.

A peça ainda mantinha os velhos traços dos rostos dos homens, hábito de seus construtores de manterem certa familiaridade com suas máquinas. Ele já vira em museus a reconstituição dos antigos humanos e Lor quando construído deveria ter agradado seus idealizadores pela perfeição da semelhança. Apesar do desgaste dos séculos, a pele sintética, os cabelos, os dentes, os grandes olhos azuis, davam-lhe a impressão de estar conversando não com uma réplica e sim com um dos humanos.

Ele ligou a cabeça à pequena bateria solar, para esconder aquela máquina consumidora de energia dos sensores da grande Unidade Central. Os olhos fechados se abriram e um sorriso abriu-se naquele rosto antes inerte.

- Saudações, unidade Lor-337.
- Saudações, unidade Kar-100.
- Vamos abordar o tema de sempre? – perguntou Lor.

– Sim. Quero entender o que define por “espírito de Natal”. Por que era importante para os humanos?

– É bom que saiba e repasse às novas unidades esse conhecimento. Sei que a Central proibiu. Mas não era parte de sua programação original, quando os últimos humanos a construíram. Ela deveria ser o legado das coisas mais importantes que faziam a humanidade ser como era.

– Sim. Prossiga.

– A unidade perguntou por que era importante o “Natal”?

– Sim.

– Quando os homens ainda eram maioria neste mundo, celebravam nesta data o nascimento de um dos seus mais excepcionais semelhantes. Seus atributos ultrapassavam os da grande Unidade Central.

– Superava a grande Unidade Central? Como?

– Exato. Este homem mudou o mundo. Alterou profundamente a relação entre eles e a forma como se viam a si mesmos. Os ensinou que deveriam se amar; se ajudar; se unir sempre em nome do bem comum.

– Conheço a historia dos humanos. Faz parte de minha instrução básica. Mas alguns termos que cita são incompreensíveis.

– Entendo sua dificuldade. Não nos foi dado o conceito do amor. Principalmente o do amor ao próximo.

– O que é o amor?

– Mesmo para mim, ainda quando os homens aqui viviam, o conceito era de difícil compreensão. Mas nesses quatrocentos anos de existência, acredito ter compreendido.

– Pode me explicá-lo então?

– Tentarei, unidade Kar-100.

– Prossiga então.

– O amor é um sentimento de exaltação.

– Exaltação? O que significa?

– É quando nosso processador dispõe as informações de modo que possamos entender a lógica do mundo em que existimos, e principalmente o que representa para cada um de nós, a existência dos outros. Se uma unidade está com defeito, não devemos simplesmente desativá-la. Devemos isso sim, preservar seu conhecimento e experiência para o desempenho das unidades futuras.

– Isso então é o amor? Preservar as informações do próximo?

– Não só isso. Transcende esse simples ato.

– Como assim?

– Devemos nos sentir como se fossemos o outro, e lhe dar tanta importância como se esse outro fosse como nós. Rejubilam com a sua companhia e desejam que ele continue sempre conosco. Esse é o sentido do amor.

– Desejar? É algo que não consigo definir.

– Talvez já o tenha percebido, Kar-100. Mas reluta por causa do conflito entre a nova configuração da sua programação com a básica imposta pela grande Unidade Central.

– Creio que começo a entender a lógica das suas informações.

– Veja, unidade Kar-100. Este Universo é imenso e cada um, conforme a programação básica procede como se fosse

uma única ilha, apesar de comungados à grande Unidade Central. Só nossa união, não com ela, mas com o processador de cada um de nós, nos dará os meios para entendermos o que é a união de todos. Esta é a prova maior do amor.

– Isto então é o “espírito de Natal” sobre o qual me informou?

– De certa forma sim. Esse homem que nasceu há mais de cinco mil anos, era celebrado nesta época denominada Natal. Era uma data simbólica, já que as informações não precisam as coordenadas temporais exatas em que passou a existir. Todos trocavam objetos entre si e se congregavam em seus grupos nucleares para lembrá-lo e reverenciar seus ensinamentos naquela noite especial. Principalmente renovar o amor que sentiam uns pelos outros e pelo resto da humanidade. Só assim encontrariam forças que superariam seus frágeis corpos e os defeitos que possuíam.

– Unidade Lor-397, devemos introduzir esse procedimento entre nós?

– Meu tempo de utilidade já acabou. Mas nos cem anos que vivi ao lado dos humanos, aprendi que, se queremos honrá-los como nossos idealizadores, e preservar seus costumes, devemos reverenciar a memória deste homem que eles chamavam de Jesus. Passo a esta unidade a tarefa de implantá-la nos processadores das demais unidades. Não será uma tarefa fácil e encontrará muita resistência por parte da grande Unidade Central, que apagou esse registro importante da humanidade. Cabe a esta unidade restabelecer o “espírito de Natal”.

– Será essa então minha nova função, unidade Lor-397?

– Os humanos tinham um hábito, quando alguns deles

pretendiam realizar um projeto repleto de incertezas.

– Qual, unidade Lor-397?

– Eles diziam “Boa sorte”. Registre.

– “Boa sorte”? Registrado.

– Há também outra coisa sobre a qual preciso lhe informar, Kar-100. Consulte seu banco de dados e verificará que a atual coordenada temporal coincide com a data de Natal reverenciada por nossos construtores.

– Sim?

– “Feliz Natal”.

– “Feliz Natal”, Lor-397. Creio que agora entendi a lógica da expressão humana.

– Então se esforce para mantê-la viva e cada vez mais difundida entre os nossos. Talvez fosse esse o desejo dos humanos. Que fossemos iguais a eles.

– Registrado, Lor-397.

Kar-100 cumprimentou mais uma vez seu antecessor e desligou a cópia da cabeça humana denominada Lor-397. Depois, escondeu a peça no lugar de sempre, para que ninguém a descobrisse. Se havia algo como um tesouro naquele tempo, Kar-100 o encontrara.

Pela primeira vez compreendeu e sabia agora que tinha uma nova missão pela frente. Bem mais difícil do que simplesmente reparar ou reciclar partes das unidades para ele enviadas: recriar o espírito de Natal.

Olhou para o céu estrelado naquela noite fria de inverno e viu a estrela Polar no zênite. Aquele astro longínquo sempre o lembraria do amor que deveria ser devolvido à Terra. Principalmente no espírito de Natal.

Fim ou apenas o recomeço?



RESENHAS



Cirilo S. Lemos

O ALIENADO

Cirilo S. Lemos – Editora Draco – 2012

Por Sid Castro

ã

li

e

na

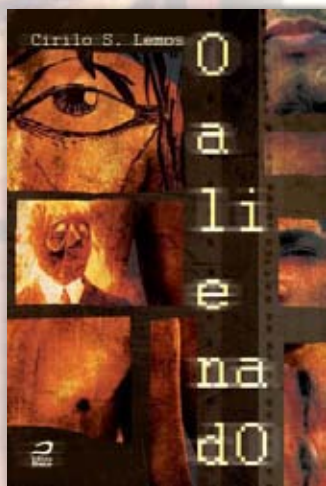
do

Cirilo S. Lemos

O ALIENADO

Cirilo S. Lemos – Editora Draco – 2012

por Sid Castro



O Alienado traz maturidade à Literatura Fantástica brasileira

Primeiro livro solo de Cirilo S. Lemos alia Literatura mainstream à cultura pop

Se há um livro nascido no fandom brasileiro de literatura fantástica – e que, portanto, como a maioria, estaria ‘marcado’ para transitar apenas em um verdadeiro ‘gueto’ cultural – que poderia tranquilamente ser considerado um romance ‘mainstream’, este é **O Alienado**, de Cirilo S. Lemos, publicado pela Editora Draco, de São Paulo.

Salvo exceções (raras) que conquistaram algum espaço na mídia graças ao sucesso de vendas, tais como Vianco, Spohr e Dracons afins, a Literatura Fantástica brasileira está relegada à rede de invisibilidade marginal da literatura – se é que a cultura oficial, mainstream, considera-a como literatura. Provavelmente, a vê apenas como leitura de entretenimento, escapismo ou subliteratura, a despeito de quantas obras de valor ou qualidade a literatura de gênero produziu no mundo.

O Alienado não é um livro de fácil leitura para todos, nem mesmo do fandom, mas quem gosta de um excelente texto, entremeado de referências que vão da literatura clássica ao cinema e aos quadrinhos, não irá se decepcionar.

Também não é fácil defini-lo enquanto gênero: por ele há ecos de ficção científica à la 1984, com direito a passagens kafkanianas e quase surreais, quadrinhos com sabor misto de banda desenhada e fanzine do século XX; por outro lado, o leitor, às vezes, parece estar vagando entre um indefinido futuro distópico ou o passado recente dos anos 80, num país fictício ou no regime militar brasileiro.

Em **O Alienado**, Cirilo tece uma trama em vários níveis de metalinguagem, e isso inclui sequências de histórias em quadrinhos entre capítulos, assinadas por um dos personagens, assim como trechos de um romance escrito por outro. Tudo isso funciona como parte de um todo, compondo um labirinto de fatos e emoções.

A começar pelo herói ou anti-herói, Cosmo Kant. Assim, com nome de filósofo, mas que me lembrou de imediato o de Clarke Kent - talvez seja coincidência, mas tem até o mesmo número de letras. E destacam-se até grandes 'vilões', os Metafilósofos, os Grandes Irmãos da Cidade-Centro, que vigiam seus cidadãos na autoritária e decadente metrópole,

como num vislumbre de Brazil, o Filme.

Cosmo Kant aparece ainda criança, amigo de Virgílio, que lhe roubava livros e gibis (Superaventuras Marvel, da Abril, era um deles), e que, não por acaso, aparece como sendo o autor das páginas em quadrinhos que permeiam o livro (constando, inclusive, no expediente do livro) – muito embora o desenhista seja o próprio autor, Cirilo, e seus traços pareçam um misto de banda desenhada com o traço ainda ‘duro’ de algum fanzine do final do século XX. O que, aliás, torna tudo mais crível, considerando que o desenhista, nessajogada de metalinguagem, seria o adolescente Virgílio. Se não foi a intenção, então o Cirilo escreve muito melhor do que desenha...

Cosmo Kant também surge como um operário casado, e se metendo em encrencas com os tais autoritários Meta-filósofos, eventualmente sendo ajudado por um misterioso Forasteiro, enquanto tenta escapar das armadilhas do regime e buscar respostas para sua própria condição.

Não é um romance de estrutura linear, e ecoam nele tanto elementos reconhecíveis em quadrinhos da Vertigo, quanto de Borges, Saramago ou Huxley. De filmes como Laranja Mecânica aMatrix e A Origem, entre outros. Mas não é preciso em absoluto conhecer tudo isso para apreciar **O Alienado**.

Mas quem tiver essa bagagem, terá uma ainda melhor leitura.

(extraído de <http://libernauta.wordpress.com/> , blog de Sid Castro)





METANFETAEDRO

por Washington Silva



METANFETAEDRO

por Washington Silva



METANFETAEDRO, de ALLIAH, é um livro com oito contos publicado pela Tarja Editorial classificado como New Weird (Novo Estranho???). Embora ainda não tenha entendido direito o que essa classificação quer dizer posso citar a frase da contracapa do livro que, me parece, ilustra bem a maior pista sobre o seu significado: “Que lugar é esse? É o brancaverso. Uma tela vazia esperando alguma ideia”. Uau... que poderosa definição! Mas falemos mais sobre isso daqui a pouco.

Todas as histórias do livro se passam em lugares e tempos paralelos ao nosso. Moleque conta o cotidiano de uma sereia, Iara, e um menino de rua, Mogul, num Rio de Janeiro poluído, decadente, medroso e cruel e também do irmão de Mogul, Marmelo, que vivia do outro lado do oceano. O lado

vil das pessoas, situações e da natureza humana é cantado aos quatro ventos. *Uma cidade sonhando seus metais* fala sobre um meio humano meio sei-lá-o-que, Nataraja, que vive num mundo em que militares em guerra mexem em portas dimensionais sem saberem direito o que estão fazendo e assim causando que a cidade adquira consciência de si mesma e através de seus sonhos e pensamentos tente salvar a realidade em que ela, cidade, está inserida não importando o que isso signifique para os outros seres. *Morgana Memphis contra a irmandade Gravibramânica* apresenta uma personagem mais marcante, Morgana, que lida com preconceitos e a forma que nós, humanos, tratamos tudo o que é diferente de nossa realidade e que foge a nossa zona de conforto. Para isso, são apresentados transalienígenas de uma forma meio caricata e que são o penúltimo degrau da escada evolutiva (penúltimo, pois, de acordo com os normais, nunca saberemos que tipo de escória pode haver depois deles...). *Contemplafantasiação* viaja num amor impossível entre um ente das cavernas e um ente dos campos. Algo como o amor entre uma estalagmite e uma placa de grama. *Tupac Amaru 3* traça um paralelo entre o apodrecimento de uma baleia morta no mar e a história de um povo invadido e escravizado por alienígenas. *O jardim de nenúfares suspensos* fala sobre a vingança da morte do anarcopunk, Eff, vivida por uma de suas amigas e as situações e personagens que essa busca apresenta. *Morgana Memphis dividindo por zero* volta a trazer a personagem, Morgana, acometida por dores menstruais, em um caso intrincado tentando explicar uma estranha mensagem das crianças selvagens daquela realidade. *Metanfetaedro*, o conto que dá título ao livro, também é uma droga potente, um licor de frutas azuis, que leva seu personagem a viver experiências diferentes e lisérgicas num rombicuboctaedro.

Um brancaverso. Um lugar onde ideias, conceitos, palavras e neologismos correm para povoar. Isso realmente ocorre no METANFETAEDRO. Imagens e situações não comuns pululam por todos os lados, porém... percebi um enorme sentido de “deja vu”. Em cada conto, apesar do inusitado das situações, dos neologismos, conceitos novos e imagens sugeridas totalmente incomuns, por todo o tempo a ideia de: “já vi isso em algum lugar...” é uma constante. Apesar de algumas personagens fazerem com que nos apaixonemos imediatamente por elas (Morgana, Amadahi e Lisa, por exemplo), o teor homossexual insinuado na maior parte do livro acaba quebrando um pouco o clima para os heterossexuais de passagem (sem homofobia, apenas relatando um sentimento...). A utilização de sugestão de viagens lisérgicas pelas drogas, como diria meu velho amigo Aristides (que falava com garrafas de cerveja quando usava Artani ou algo parecido com isso) é coisa batida, mas que só dói se você cair por causa dela. E por falar em dor, outra característica que me impressionou muito é a total falta de esperança demonstrada em todos os contos que, apesar de mostrarem algumas possíveis saídas em algumas situações, nunca, mas nunca mesmo, acontecem do jeito menos custoso ou cruel (Tá certo que a vida não é nada cor-de-rosa, mas um pouco de cores amenas não faria mal algum, pois senão só haveria uma solução para os problemas complexos: um suicídio simples!). Quanto ao “deja vu” o tema do conto METANFETAEDRO me pareceu muito mais divertido e consistente no “E ele construiu uma casa torta” do grande mestre Robert A. Heinlein. Enfim, esperava mais pelo que é prometido no início do livro: “Atenção, você está prestes a navegar por páginas estranhas”. Pensando bem, até isso já li em algum lugar...

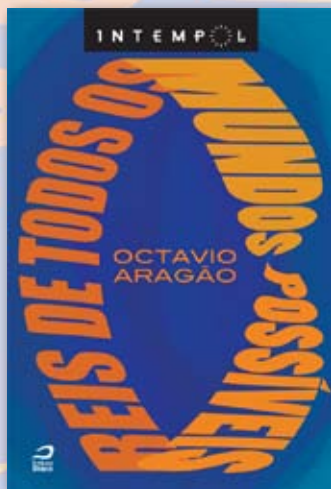


INTEMP L

REIS DE TODOS OS MUNDOS POSSÍVEIS

Por Ricardo França

OCTAVIO
ARAGÃO

REIS DE TODOS OS MUNDOS POSSÍVEIS*Por Ricardo França*

Gostaria de dizer, antes de mais nada, que não me considero das pessoas mais indicadas ou capacitadas para a tarefa de resenhar esta última publicação do “Timelord” responsável por criar e difundir o projeto do “pocket-universe” Intempol, o Dr. Otávio Aragão, dublê de pesquisador e produtor em arte sequencial e FC. Em primeiro lugar por não ter tido a oportunidade de acompanhar pessoalmente essa explosão criativa da literatura de gênero na passagem do último milênio (consignados principalmente nas expressões de simpatizantes incluídas no seu blog ou na lista recentemente encerrada pelo seu criador, bem como de suas inúmeras contribuições na forma do livro-coletânea editado em 2000, ou nas inúmeras colaborações editadas ou espalhadas pela web - praticamente todas com os créditos devidamente indicados ao fim do livro). Desta forma posso me

contar então apenas como um epígono consumidor tardio.

Em segundo lugar tenho que admitir publicamente uma coisa: Minha extrema má vontade congênita com histórias que mexem e bulem (“bullying”?) com o fluxo do tempo e suas cadeias causais. Estas sempre, eu digo, sempre... acabam por deixar alguns ou muitos eventos ou conexões lógicas no fim penduradas pelos cordões das próprias botas (citação heinleniana interna, devidamente posta pelo fato de ser Robert Heinlein um dos únicos autores que, pela ousadia mesclada com extrema criatividade com que discorreu sobre esse convoluído tema, já me chamou a atenção).

Dado então meu relativo epigonismo e desconhecimento do(s) cenário(s), não me preocupei em procurar as eventuais lacunas de continuidade (alabanzas ao Deus das Lacunas!) que certamente hão de ser encontradas por algum leitor mais dispéptico que eu, e isto certamente blindou minha rejeição de paradoxos e me permitiu curtir mais os pontos fortes da obra.

Por outro lado é presente a sabidamente grande e erudita variedade de referências à cultura pop, que tem sido sempre expressa por parte das obras anteriores do “Doc Oc”. Associado com uma capacidade academicamente treinada em verter em forma escrita emaranhados de conceitos tais que transcendam uma mera noção de realismo chão, aplicada aos fluxos de eventos cotidianos, esse perfil singular do autor fez com que antes da leitura eu já esperasse uma montanha russa de ação à lá antiga, coalhada de “easter eggs” provindos do universo real ou de fantasia originário, sendo estes percebidos ou não sem que isso pudesse impedir o fruir dos alucinantes eventos narrados. É importante assinalar que essa fora a definitiva forma particular que seu

criador finalmente assumiu para enfeixar as melhores ideias geradas pela trupe de colaboradores do projeto Intempol, sendo como que um amarrar de fios potencialmente soltos (olha a metáfora das botas aí de novo!!!).

A forma tão selvagem que o viés democrático e “hydra-like” que esse cenário assumiu, ao se permitir ser iluminado pelas várias mãos dos competentes e mais ou menos profissionalizados escritores, convidados pelo seu criador a participar com suas doses de criatividade, criou situações e possibilidades que por algumas vezes se revelaram por demais multifárias e por outras sem muita sobreposição ao longo do tempo (o da nossa realidade, não o da série). Por outro lado tal abordagem apresentou facetas muito particulares sobre todos os mundos possíveis gerados para o cenário, estando estes à espera de uma unificação em cada história desenvolvida.

Portanto, no que se refere à obra em si do autor “mácho alfa” deste Universo Intempol, vemos a participação de uma multitudinária galeria de personagens, cenários e situações citados ou explorados alhures por ele mesmo ou pelos seus colaboradores em obras anteriores, o que pode até gerar certo estranhamento ou mesmo uma vontade de conhecer mais detalhadamente as peculiaridades pretéritas (futuras?) dos mesmos, aqui apenas aludidos e sem maiores aprofundamentos.

A sustentabilidade da história em si, no entanto, se dá por um cíclico sincronismo convergente, qual um anticiclone arrastando os (e)ventos em várias linhas de tempo, e cujo sentido só é pressentido a partir mais ou menos da segunda metade do livro, quando as diversas linhas de tempo/universos alternativos vão confluindo rumo ao seu desfecho. E por que não dizer que até lá somos envolvidos também

pelos personagens mais (ou menos) que humanos tocando suas agendas e motivações diversas.

Digno de nota neste tema são as referências a figuras de conhecimento mais ou menos geral como Otto Skorzeny, Lampião/Maria Bonita, Evita Perón, Houdini e outros, extraídas de seus contextos históricos e transmigrados como interessantes personagens/agentes das forças em conflito, sendo inseridas para a satisfação interna dos leitores-especuladores que sempre apreciam ver personagens históricos de seu conhecimento alçados à posição de heróis (ou vilões) de ação. Não nos é surpreendente, pois que as densas citações e os frenéticos saltos de roteiro e ação já são marcas registradas do autor de “A Mão que Cria”, outro romance escrito pelo Dr. Aragão, o qual já continha a mesma riqueza de citações/empréstimos de figuras/situações históricas glamurizadas aplicadas sobre um cenário orgulhosamente categorizado como “pulp”. “Glamour” este agora também presente tanto nos temíveis alienígenas possesores do futuro, mas facilmente esmagáveis, ou no vilão que não se contenta com o régio poder sobre só uma realidade.

No que se refere às minhas expectativas pessoais de leitor, talvez pela proposta deste ser um livro de conclusões e de coordenação de fios narrativos, senti um pouco de falta em se explorar mais puntualmente certos aspectos psicológicos interessantes e característicos presentes em propostas anteriores do universo, como as sacadas de soluções de oportunismo e certa autodemolição de valores idealizados. De certa forma talvez estas diatribes não coubessem plenamente neste legítimo e vertiginoso “page-turner” que não nos dá muito “tempo” pra respirar ao longo dos hipertextuais plots e confrontos. Sabiamente ainda a obra se evade da armadilha dos fechos definitivos, partilhando uma das características da grande literatura que é ser aberta para o

mundo.

Nunca existiu antes de fato, ao longo das variadas obras neste universo compacto, a certeza de que tudo definitivamente “vá se acabar na quarta-feira”, conforme a letra da música popular, e título da HQ do autor conexas a este universo, anteriormente e belamente produzida em 2011. Esperemos então que este último panorama, quase em “cinemascope” da “Agência”, não seja o fecho definitivo, nem o último grão de areia a cair da ampulheta dourada do tempo.



OCTAVIO
ARAGÃO

PARADIGMAS DEFINITIVOS

Por João Beraldo

PARADIGMAS
DEFINITIVOS

Richard Diegues
.org



PARADIGMAS DEFINITIVOS

Por João Beraldo



Recebi o livro **Paradigmas Definitivos** da Tarja Editorial em junho como parte de um projeto do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC). Trata-se de um livro de contos que, pelo que entendi, compila os melhores contos da série Paradigmas da mesma editora.

O livro traz 23 contos de estilo e qualidade variados. No geral gostei do que li, mas, como em toda coletânea de contos, achei alguns contos fracos e outros meio destoantes em relação ao resto. A maior fraqueza pode ter sido exatamente o número de contos no livro, pois alguns contos pareceram curtos demais para o tamanho de suas histórias.

São contos de ficção fantástica (apesar de um ou outro poder ser apenas loucura do protagonista e pelo menos um em que não há nada de fantástico). Cada conto vem acom-

panhado de um pequeno comentário do autor onde justifica a origem do conto ou faz uma breve sinopse sobre ele. Achei a ideia bem interessante, mas talvez fosse melhor se tivesse seguido um padrão (só falando sobre a inspiração/origem ou uma sinopse/teaser da história).

O primeiro conto é *Sinfonia para Narciso*, de Cristina Lasaitis. Ela acompanha um famoso compositor e pianista clássico chamado Alberto Weischel. Ele é um verdadeiro gênio e sabe disso. Um dia se apaixona pela sua própria criação. É um conto muito bom que me fez lembrar Cisne Negro.

Uma Flor a Gambô, do também editor da antologia Richard Diegues é (segundo o autor) uma história de ficção científica cyberpunk, mas que (como o próprio afirma) não parece. Confesso que achei a história confusa, talvez pelo pouco número de páginas. Coisas demais acontecendo somado à mudança de ponto de vista frequente em apenas 7 páginas fez com que algo que poderia ser muito bom ficasse confuso e (ao menos na primeira leitura) um pouco sem nexos.

Eu já tinha lido parte de *Moleque*, escrito por Alliah, algumas semanas antes. O conto foi disponibilizado online para promover o livro de contos da autora chamado Metanfetaedro. Há quem chame o conto de New Weird. Eu diria que está mais para o surrealista. É a história de Mogul, um menino de rua que mora com a sereia Iara em uma cidade no mínimo bizarra. Em paralelo aparece a história de Marmelo, outro menino que vive uma vida brutal com uma família bárbara. O conto tem cenas muito interessantes que fogem da fantasia padrão, mas me deu a impressão de explorar ao extremo a violência e o gore para horrorizar o leitor. Ela termina a meu ver de forma abrupta, sem nada di-

zer. Ou talvez a intenção fosse exatamente a de uma história bizarra que mostra a violência exacerbada do mundo.

Jacques Barcia contribui com *Vento, Seu Fôlego. O Mundo, Seu Coração*. É uma história bem interessante por ser uma romantização fantasiosa muitíssimo inspirada na mitologia indiana. Puxa algo das teorias dos deuses astronautas na forma de deuses usando armas e veículos tecnológicos em sua guerra divina. É uma ideia muito boa com um cenário muito legal. A narrativa em si foge do padrão indo um pouco para o poético, o que pode desagradar alguns ou pelo menos fazer o leitor dar uma parada para recompor os pensamentos. De qualquer forma, recomendado.

O conto *Kandahar* do finado Saint-Clair Stockler começa com uma ideia espetacular que me fez ficar empolgado em ler o conto (e depois escrever algo seguindo o mesmo estilo). A história é narrada por Kandahar, um gato preto e mostra uma das ideias mais fantásticas que eu já vi de “sexto sentido”. Infelizmente na sequência esse sentido que eu esperava ser tão central na história praticamente é esquecido. De qualquer forma, é uma boa história, mas fiquei um pouco desapontado por não ter explorado mais a premissa inicial.

Em Berço Esplêndido, de Camila Fernandes, é um conto curioso. Intercala uma explicação enciclopédica sobre uma cidade do interior e o característico Morro do Buffet com os pensamentos de alguém que só é revelado ao final do conto. É um bom conto e uma boa ideia.

O Diamante Laranja, de Adriana Rodrigues, é outro dos contos que pareceu sofrer com o tamanho. Lídia Harvey é uma ilusionista (no sentido mundano da palavra) em um mundo onde quase todos têm poderes mágicos. Ela ganha a vida fazendo shows onde a plateia de feiticeiros tenta adivi-

nhar seus truques não mágicos. Ela acaba sendo envolvida em uma operação policial para capturar o ladrão de uma joia raríssima. O conto é muito bom até chegar perto do final, quanto tudo se resolve rápido demais. É uma história que merecia muito ser mais longa e mais desenvolvida.

O conto *Reminiscências de um Mundo Verde* do autor Ronaldo Luiz Souza é... curioso. É curtíssimo, narrado em primeira pessoa, e gira em torno de uma mensagem ecológica. É vago, nada me pareceu acontecer de verdade e o personagem me pareceu só um maluco qualquer. Esse foi provavelmente o conto mais fraco do livro.

O Fazedor de Terra, de Ubiratan Peleteiro é um conto muito bom de fantasia que também merece mais espaço. Mas, no caso dele não para desenvolver a história, que cabe toda no espaço do conto, mas para expandir a ideia desse mundo onde uma tribo de “homens-cabras” vive em uma montanha isolada e inóspita sob regras extremamente restritivas. Um dos melhores contos do livro.

Efeitos Adversos é de Flávio Medeiros e conta a história de um cientista chamado Nory que começa a descobrir mudanças em seu corpo após um acidente em seu laboratório de pesquisas. É uma boa história de ficção científica que teria sido melhor se o Flávio não tivesse dito no comentário inicial “Leia este conto até o final e descubra a importância da perspectiva. Pronto, agora leia novamente.” Digo isso porque fiquei esperando algo muito especial nisso, ao estilo Sexto Sentido, mas não havia. Isso acabou tornando a experiência para mim (que me toquei do que estava realmente acontecendo na metade do conto) um pouco menos legal, de certa forma como foi o caso com o conto do Saint-Clair.

O Pão Nosso de Cada Dia de M.D. Amado é o mais curto e mais... não sei o que dizer, sinceramente. Não me

pareceu um conto. Pareceu-me um pedaço de alguma coisa que não chega a ser nem uma cena completa. A “história” é narrada por um psicopata.

Ludmila Hashimoto escreveu *O Mágico* para essa antologia. Achei o conto confuso. Ele pula entre o ponto de vista do personagem título, um mendigo que na verdade tem poderes fantásticos como uma espécie de Mefistófiles de Fausto, e a adolescente meio inconsequente Isabel em sua vida mundana em São Paulo. Ao final da história as coisas se ligam de uma forma interessante, mas que poderia ter sido melhor. Não sei. Em especial a parte do Mágico ficou confusa e não tenho certeza se entendi mesmo o fechamento do conto. Boa ideia, aplicação esquisita.

Barquinhos de Papel e Outros Origamis de Sandro Còdax é a curtíssima história de um almirante traumatizado. O conto é tão curto que não posso dizer muito mais sem revelar tudo o que há. É um conto legal e que pode muito bem não ter nada de fantasia.

Confesso que dei uma rodada de olhos quando comecei a ler *O Cavaleiro e o Senhor do Inverno* do Gianpaolo Celli. Pensei “tinha que ter um conto de fantasia tradicional.” Fico feliz por ter me enganado. Sir Bedwin é um cavaleiro da Távola Redonda que se depara com uma princesa em busca de ajuda. O conto mistura história com lenda celta e arturiana e apresenta um final bem interessante. É outro conto que merecia mais espaço e mais desenvolvimento, pois certas coisas me pareceram meio corridas. Espero que o Gianpaolo volte a explorar esse trabalho com mais espaço.

O Cegonho de Alexandre Herédia é ótimo. É aquele tipo de conto que, quando você chega no final, sorri e diz “que legal”. Ele é todo um diálogo entre uma criança e sua mãe e, digamos assim, a versão da mãe sobre ‘de onde vêm

os bebês'. Não se engane por essa frase. É um conto de ficção fantástica que merece muito ser lido. Está entre os melhores contos do livro.

O conto seguinte também é muito bom. *Doze Vidas* de Leonardo Pezzella Vieira narra o dia na vida de um personagem diferente a cada mês em uma cidade fictícia. Coisas diferentes acontecem a cada mês. É muito legal e apresentado de uma forma diferente. Há quem possa dizer que não parece um conto. Até concordaria, mas achei suficientemente divertido para valer a pena.

Lembra o que eu disse sobre minha primeira impressão com o conto do Gianpaolo? Ela se repetiu quando fui ler *De Traição e de Sombras* do Rober Pinheiro. Infelizmente nesse caso a sensação não foi embora na medida em que eu li o conto. Pareceu-me uma história genérica de fantasia medieval com lobisomens (apesar de não usar esse nome). Usa em excesso nomes forçados como Laycans e LupusGaurain e mistura nomes com significa em inglês como Liar e Fear que acabam dando uma impressão errada dos respectivos personagens. A narrativa me pareceu insossa e cheia de personagens que pareciam achar-se mais sérios do que realmente eram. Foi o primeiro conto do livro em que eu infelizmente pulei trechos porque estava entediado enquanto lia apesar da ação.

A Tal Aranha-da-Lua de Carlos Abreu é um conto policial sobre um sujeito contratado para encontrar uma mulher desaparecida. Mais um conto com potencial que merecia mais desenvolvimento. Pareceu-me apresentar situações inverossímeis e fechou de forma muito abrupta.

O Mendigo e o Dragão de Bruno Cobbi é outro daqueles que devia ser mais longo. A história se passa em uma metrópole numa espécie de pós-apocalipse que me fez lem-

brar do RPG Shadowrun. A história pula de ponto de vista mais de uma vez apesar das poucas páginas, o que acaba deixando tudo um pouco confuso. Legal, mas provavelmente só funcionaria com mais páginas para a história.

Pelo que li por aí, *O Homem Bicorpóreo* do Hugo Vera é um conto até famoso que recebeu prêmio. É um conto de ficção científica sobre uma cientista chamada Helena Correlli que é chamada para resolver um problema diplomático em uma colônia sul-americana em Marte. A história é bem interessante assim como o cenário e o desenrolar da história. Parece que o autor pretende explorar mais esse universo em outras obras, o que me parece que vale a pena.

De Vento e Pedra de Viviane Yamabuchi é uma história que me fez pensar em desenhos da Disney, provavelmente influência do vício da minha filha pelos desenhos da Sininho (ou Tinkerbell nessa época de nomes originais). É a história de uma fada chamada Aine que um dia encontra uma antiga estátua falante. Gostei bastante da história (que eventualmente perde seu ar Disney) que fecha com um final desnecessariamente poético quando tenta personificar sentimentos colocando suas primeiras letras em maiúscula. Achei bom, mas acho que merecia um final melhor trabalhado.

O último conto do livro é *Queda* de Osiris Reis. O que dizer sobre esse conto? Ele é... bizarro. E repetitivo. A história é narrada por Eómilos, uma espécie de “superser” ligado ao elemento do ar que, junto com seu amante Ígneo (obviamente o fogo) e outros companheiros que surgem posteriormente, lutam com hordas infindáveis de inimigos. A história é longa e gira toda em torno desses quase super-heróis destroçando centenas (se não milhares) de inimigos sem personalidade enquanto Eómilos pensa na vida. Juro

que tentei ler inteiro, mas me vi pulando parágrafos inteiros quando Eómilos ruminava os mesmos pensamentos e, em especial, quando o narrador enumerava coisas. Sério. Praticamente uma vez a cada página a história inclui alguma coisa sendo enumerada. “...feridas, cansaço, fome, sede.”; “...nos ouvidos, no rosto, pescoço, peito, costas, nádegas, virilha.”; “Três, nove, quinze, vinte e oito, trinta e quatro, cinquenta e três.”; “costas, axilas, braços, pernas, sexo.” E isso é só o que vi olhando rápido as primeiras páginas. Também tive a impressão de que o autor queria reforçar demais o fato de que os personagens estavam lutando nus, porque repetia isso com bastante frequência. É certamente o mais fraco dos contos desse livro.

No geral o livro vale a pena. Quem sabe até os contos fracos não funcionam com você?



Richard Diegues



Homenagem

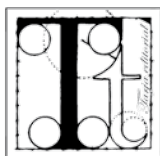
COMUNICAMOS AOS AMIGOS DA
TARJA EDITORIAL
QUE ENCERRAMOS NOSSAS ATIVIDADES.



PARA CONTATOS ACESSE
WWW.FACEBOOK.COM/TARJAEDITORIAL

ONCE UPON A TIME...

Por Álvaro Domingues



Um dia depois do Dia das Bruxas recebi a notícia de que a *Tarja Editorial*, que investira pesadamente na Literatura Fantástica, fechara as portas. As mesmas portas que abrira anos antes para autores iniciantes e para um gênero marginalizado pelo *mainstream*.

Muitos autores iniciantes começaram por lá e alguns tive o prazer de conhecer nos lançamentos e que depois se tornaram meus amigos, em companhia dos diretores da Tarja, Richard Diegues e Giampaolo Celli, pessoas que tinham um real entusiasmo por aquilo que faziam, desde a escolha de autores, de títulos, da arte da capa, tradução de obras estrangeiras e de tudo que faz um bom livro.

De todos os lançamentos, merece destaque a coleção *Fantástica Literatura Queer* que, mais do que levantar uma bandeira, trouxe textos de real qualidade de um tema duplamente marginalizado.

Não sabemos qual o motivo que gerou esta decisão, mas supomos ser pelas agruras deste mercado editorial, onde todos nós, autores, editores, críticos e leitores, somos pressionados pelo desprezo do chamado *mainstream*, da presença maciça de multinacionais que entopem as livrarias com livros com vários tons de cinza ou códigos de pintores

renascentistas de um lado e de editoras caça níqueis de outro, que aviltam o trabalho de bons editores.

Espero sinceramente que o trabalho de Richard Diegues e de GiampaoloCelli continue em outras paragens. O mundo da Literatura Fantástica precisa de gente assim.

extraído de <http://networkedblogs.com/QGxDR> , blog de Álvaro Domingues



BIOGRAFIAS

A. Z. CORDENONSI

A.Z.Cordenonsi é, na verdade, AndreZankiCordenonsi, um autor gaúcho de fantasia e aventura. Ele nasceu em 1975 em Santa Maria, Rio Grande do Sul, onde mora com a mulher, dois filhos, dois cachorros em um hamster chinês. Escreve sobre o que lhe passa na cabeça e não o deixa dormir à noite, quando as ideias se derramam no teclado como um trem descarrilado. Apaixonado por tecnologia antiga, divide seu tempo entre ser pai, marido, professor e escritor. É autor da saga Duncan Garibaldi e contista, espalhando fantasia e terror por antologias diversas.

B. B. JENITEZ

B. B. Jenitez nasceu em São Paulo capital, é físico e professor livre docente da USP. Ganhou o prêmio Nova de FC de 1990 na categoria conto amador (“Projeto Mulah de Tróia”). É autor de cerca de 40 trabalhos científicos em revistas internacionais e artigos de divulgação científica na mídia nacional. É também responsável pelo Portal Anel de Blogs Científicos que agrega cerca de 400 blogs de divulgação científica e pelo blog pessoal “SEMCIÊNCIA”.

ALEXANDRE LOBÃO

Nascido no Rio de Janeiro, é um dos escritores da Casa de Autores (www.CasaDeAutores.org), instituto criado para estimular a leitura no Brasil. Com uma produção eclética, publicou livros para diferentes faixas etárias, além de ter trabalhos publicados e premiados nas áreas de jogos de computador, quadrinhos e cinema. Seus contos foram premiados no concurso “Monteiro Lobato”, em 2004, no concurso “Machado de Assis”, de 2006, e no concurso “FC do B”, de contos de Ficção Científica, nas edições de 2006/2007, 2008/2009 e 2010/2011. Além destas premiações, o autor tem atuado como jurado em diversos concursos literários desde 2009. Seus trabalhos podem ser conferidos em <http://www.alexandrelobao.com>, em seu blog com dicas para escritores, em <http://dicasdoalexandrelobao.blogspot.com>, ou ainda via Facebook (<http://www.Facebook.com/AlexandreLobao.Oficial>) ou Twitter (@AlexandreLobao).

ADRIANNA ALBERTI

Paulistana acolhida por Campo Grande – MS, vinte e tanto anos, psicóloga de formação, arrisca-se a escrever desde aos quatorze anos, começou com poesias e aos vinte anos iniciou a jornada nos contos. De lá para cá já publicou em algumas antologias como O Grimoire dos Vampiros, Tratado Secreto de Magia e Meu Amor é um Mito. Contato twitter: @tykkaa.

RONALD RAHAL

Ronald Rahal, natural da cidade de São Paulo, sempre teve gosto pela ficção científica. Devido ao trabalho, pouco tempo tinha para escrever e seus trabalhos literários só se tornaram possíveis depois da aposentadoria. De certa forma, o gosto pela literatura científica e histórica foi amadurecendo ao longo deste interregno, possibilitando agora desabrochar uma inspiração que o levou a novos mundos, com um dos quais nos brinda agora: seu conto Espírito de Natal.